

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

Adjetivo superlativo na fala de homens *gays*: uma discussão
sociolinguística

Rafael de Almeida Arruda Felix
Orientador(a): Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Agência de fomento: CNPq

Araraquara – SP
2016

Adjetivo superlativo na fala de homens *gays*: uma discussão sociolinguística

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise de fatos linguísticos em uso na língua em uma ou mais das seguintes dimensões – fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Bolsa: CNPq

de Almeida Arruda Felix, Rafael

Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma
discussão sociolinguística / Rafael de Almeida Arruda
Felix – 2016

96 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

1. Sociolinguística. 2. superlativo. 3. identidade.
4. estilo. I. Título.

RAFAEL DE ALMEIDA ARRUDA FELIX

Adjetivo superlativo na fala de homens *gays*: uma discussão sociolinguística

Data da defesa: 31/05/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara – SP.

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e
Letras, Campus de Araraquara – SP.

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto – SP.

Membro Suplente: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e
Letras, Campus de Araraquara – SP.

Membro Suplente: Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Universidade Federal de São Carlos – SP.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

A todos que busquem erradicar qualquer espécie de preconceito e intolerância, dedico a minha contribuição.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Angélica T. C. Rodrigues, por ter aceitado a se aventurar comigo na pesquisa desse tema ainda pouco estudado e pela orientação clara, cuidadosa e bem humorada;

Aos membros da banca examinadora pela avaliação e sugestões que ajudaram fundamentalmente o desenvolvimento desse trabalho;

Aos meus pais, Lucinéia e Sandro, por sempre terem me motivado a buscar conhecimento e por sempre terem me proporcionado meios para que eu pudesse fazê-lo;

Aos meus irmãos, Isabela e Gabriel, pelo apoio em tudo que me aventuro a fazer e pelas risadas sempre abundantes quando estou junto de vocês;

Ao Marco Túlio, pelo amor e companheirismo e, principalmente, por me fazer ser genuinamente feliz;

À Clarice, pelo carinho sincero 24 horas por dia;

À minha *step-sis* Juliana, pelos anos de amizade que vem dedicando a mim;

À amiga Lélia, pelas discussões e conselhos sempre muito bem-vindos;

À professora Rosane de Andrade Berlinck por ter me encantado e colocado em mim o desejo de entrar nos caminhos da Linguística;

Ao professor Ronald Beline Mendes, pelo apoio que me impulsionou para este trabalho e também pelas sugestões de leitura tão proveitosas;

Ao Grupo Mais Lindo que me faz ser mais feliz a cada dia que passo ao lado deles;

Aos amigos queridos que me ajudaram MUITO ao longo do desenvolvimento desse trabalho: Aline, Déborah, Léo e Ana Clara por serem lindos e me ajudarem sempre com muita atenção;

Aos falantes que tornaram possível o desenvolvimento dessa pesquisa dividindo comigo seu tempo, espaço e suas histórias;

À Virginia Woolf, por desde muito cedo me fazer questionar as noções de sexo e gênero tão frequentemente impostas pela sociedade.

Agradeço também à CNPq pelo apoio financeiro.

Muito obrigado!

“identity: Loosely, in the social sciences generally, of the property of belonging to, or feeling that one belongs to a society or a group within a society. E.g. people may be conscious of and value their identity as members of a local community, and may, therefore, among other things, maintain a local dialect.”

P. H. Matthews (2007, p. 183)

RESUMO

Partindo da observação de que o uso do superlativo no português do Brasil, principalmente em formas com o sufixo -érrimo e -ésimo, poderia estar associado à fala de homens *gays*, esta pesquisa de mestrado propõe analisar a fala de homens *gays* através de entrevistas sociolinguísticas, a fim de verificar se o uso de superlativo poderia configurar uma característica real e/ou indiciária de um falar *gay*. Com vistas a alcançar esse objetivo, analisamos dados coletados de amostras de fala de 24 informantes do sexo masculino, que se auto-identificam como *gays*, oriundos da cidade de Ribeirão Preto. Para aferir a frequência de uso do superlativo bem como os fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam estar condicionando esse uso, utilizamos o pacote GOLDVARB X. Os resultados obtidos foram confrontados com dados do que chamamos "grupo controle", extraídos do Banco de Dados Iboruna. Os nossos resultados nos permitiram verificar que o uso dos sufixos superlativos feito por *gays* não se dá com tanta frequência como sugere o estereótipo. No entanto, quando comparamos os usos do superlativos pelos informantes *gays* com aqueles do grupo controle, podemos notar uma diferença sutil no uso desses superlativos o que nos permite afirmar que essa possa sim ser uma característica da fala de *gays*. Nossos resultados também permitem uma reflexão relativa a esse uso envolvendo questões de estereótipo sociolinguístico e identidade, na qual podemos verificar que fala dos informantes *gays* entrevistados, em sua maioria, é determinada pela identidade e que os informantes a adequam de acordo com a situação de fala, buscando se afastar ou se aproximar do estilo de fala *gay*.

Palavras-chave: sociolinguística; superlativo; identidade; estilo.

ABSTRACT

Based on the observation that the usage of the superlative in the Brazilian Portuguese , mainly the ones formed by the suffixes –*érrimo(a)* and –*ésimo(a)*, could be associated to the speech of gay men, this research proposes to analyze the speech of gay informants through sociolinguistic interviews in order to verify if the usage of superlatives could be said to constitute in a real and/or indexing characteristic of a gay way to speak. In order to achieve our goal, we analyzed data collected from speech samples of 24 male informants self-identified as gay from the city of Ribeirão Preto – SP. Aiming to verify the frequency of usage of the superlative as well as the linguistic and extralinguistic factors that could be conditioned to this usage, we used the GOLDVARB X package. The results that we obtained were then confronted with the data from what we called “control group”, extracted from Iboruna database. Our results allowed us to verify that the frequency of usage of the superlative suffixes by gay men was not as high as suggested by the stereotype. However, when we compare the usage of the superlatives by gay men to the usage of the ones by the control group, we can notice a slight difference of usage that allows us to state that this may really be a characteristic of the speech of gay men. Our results also enable a debate on this usage involving matters of sociolinguistic stereotype and identity, by which we can verify that the speech of most of the gay men interviewed for this research is determined by identity and that the informants are able to adjust it depending on the situation of speech, seeking to move closer to or keep away from the gay speaking style.

Key words: sociolinguistics; superlatives; identity; style.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos de fatores sociais e perfis sociolinguísticos dos informantes	45
Tabela 2 - Número de ocorrências por tipo de superlativo.....	57
Tabela 3 - Número de ocorrências por escolaridade	58
Tabela 4 - Número de ocorrência por idade	59
Tabela 5 - Número de ocorrências por tipo textual	60
Tabela 6 - Resultados da rodada Neutros x Sintéticos x Analíticos no Goldvarb.....	61
Tabela 7 - Resumo das ocorrências de superlativo absoluto sintético	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos informantes	46
Quadro 2 - Caracterização do grupo controle	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados das entrevistas com homens auto identificados como <i>gays</i>	55
Gráfico 2 – Frequência de adjetivos neutros e superlativados nas entrevistas com homens <i>gays versus</i> grupo controle.....	61

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Propaganda da rede de lanches <i>Subway</i>	69
Imagem 2 - Produto da marca Kibon.....	70
Imagem 3 - Escala do uso dos sufixos superlativos	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1. Sexo e Gênero	7
1.1.1. O termo <i>sexualidade</i> para as pesquisas variacionistas	9
1.2. Identidade e Estilo	10
1.3. Indicadores, marcadores e estereótipos: avaliação social e estereótipo <i>gay</i>	13
1.4. A fala de <i>gays</i> : estudos prévios.....	16
1.5. Da escolha do fenômeno	30
1.5.1. O adjetivo no português.....	30
1.5.2. O superlativo de adjetivos no português.....	38
2. METODOLOGIA	44
2.1. Formação do banco de dados da fala de <i>gays</i>	44
2.2. Formação do grupo controle	48
2.3. Grupos de fatores	50
2.4. Para a análise dos dados.....	53
3. ANÁLISE DOS DADOS	55
3.1. Análise Quantitativa	55
3.2. Análise Qualitativa	64
4. CONCLUSÃO	76
5. REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Em um país conhecido por sua diversidade social, como é o caso do Brasil, ser *gay* deveria ser algo normal e aceitável. Porém, quando voltamos nossos olhos para esse grupo, ainda podemos perceber que sofrem uma repressão social muito forte. Ora, não se ouvem até hoje discursos de repúdio e ódio destinado a homossexuais homens que demonstrem, da maneira que seja, sua sexualidade? Não se luta ainda pela criminalização da homofobia?

Como nos mostram Trevisan (2000) e Green (2000), o Brasil, no que diz respeito à homossexualidade, configura-se desde sempre como um país de “dupla moral”. Green (2000) apresenta essa “dupla moral”, principalmente, ao falar das festas de carnaval que há muito são grandiosas no Brasil. Nessas festas era (e é ainda até hoje) comum que homens se vestissem como o sexo oposto e saíssem às ruas e isso fez com que, visto por fora, surgisse uma ideia de tolerância da homossexualidade no Brasil, pois “a permissividade aberta do carnaval, assim diz o estereótipo, simboliza um regime sexual e social que aceita a ambiguidade sexual sem restrições, incluindo a sexualidade do homem em relação ao homem” (Green, 2000, p.23). Entretanto, esses travestismos não significavam, dentro do Brasil, respeito e tolerância, mas sim um extremo preconceito, pois uma vez que as festas carnavalescas estivessem cessadas, também cessava essa aparente tolerância aos homossexuais. Isso é comprovado, diz Green (2000), pela brutalidade dos assassinatos a *gays* que ocorriam fora da época de festividade. Trevisan (2000) também discorre sobre essa duplicidade no carnaval e nos revela que essa intolerância não aparecia somente nos contextos “extra-carnaval”, mas que aparecia até mesmo durante as festividades. Para ilustrar isso, ele escreve que:

não é exagero dizer, por conseguinte, que carnaval e desvio correm juntos, coisa que se nota num simples passar de olhos, quando se está em meio à festa carnavalesca, seja na rua ou em salões. (...) Em Olinda, conhece-se o tradicional Bloco das Virgens, com 200 a 300 homens - previamente inscritos - desfilando vestidos de mulher. As fantasias costumam ser muito rigorosas, com modelos chiques, perucas e sapatos de salto alto. Os participantes imitam atrizes e cantoras famosas. No final do desfile, ocorre um concurso no qual se escolhe a 'virgem mais bela e sensual', que recebe um troféu oferecido pelas indústrias e prefeitura locais. O mais estranho nesse clube carnavalesco organizado por militares é que o regulamento não permite a participação de homossexuais notórios, nem demasiados trejeitos femininos. Em outras palavras, recomenda-se o uso da máscara sob a máscara - o que não deixa de indicar a mesma

afirmação barroca que revela duplamente, quando pretende duplamente ocultar aquilo que se teme (TREVISAN, 2000, p. 392-3).

Já no que tange ao contexto sociocultural atual, vive-se no Brasil, assim como em outros países do mundo, um momento de intensas discussões e reivindicações pela liberdade sexual juntamente com a busca pela igualdade de direitos dos homossexuais. Como consequência dessas reivindicações, pode-se ver uma consolidação cada vez maior da comunidade LGBT¹ e sua maior atuação e visibilidade na sociedade. Se por um lado o aumento dos movimentos em favor dos direitos e do respeito aos homossexuais se justifica pela forte repressão social e cultural de que são vítimas, por outro, percebe-se cada vez mais o uso difundido de palavras originalmente utilizadas somente nas comunidades em questão (*bofe, babado, uó*, etc.) no dia-a-dia de uma parcela significativa de falantes do português do Brasil de diferentes gêneros. Embora o contexto de uso desse vocabulário sociolinguisticamente marcado por parte da população feminina e masculina apresente motivações diversas, a incorporação de palavras próprias do que podemos chamar, ateoricamente, de *dialeto gay* nunca se faz sem referência a esse grupo, seja para sinalizar empatia ou marcar identidade de gênero. Como afirma Silva (1959) essa marginalização em que o homossexual se vê colocado em relação à sociedade global faz com que se faça necessária a consolidação de um grupo homossexual propriamente dito, como forma de defesa e segurança dos indivíduos pertencentes ao grupo juntamente com a necessidade de vida em grupo, “que não pode ser desempenhada satisfatoriamente em outras aglomerações da sociedade global, devido às sanções contra o homossexual que só em seu meio próprio encontra oportunidades de satisfação de suas necessidades psicossociais” (SILVA, pag. 355).

Levando-se em conta a identificação dos gays dentro de um grupo social, que pode ser verificado por hábitos, elementos culturais, linguagem, verificou-se a necessidade de compreender melhor o que configura esse grupo no que tange ao uso do português, especialmente nas opções linguísticas do uso do adjetivo superlativo recorrente na fala desse estrato social. A Sociolinguística, de acordo com Mollica (2013, p.10), “considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores”. A autora ainda afirma que é trabalho do linguista verificar o *status* social do fenômeno analisado, se é avaliado positiva ou negativamente na sociedade ou se se trata de um fenômeno que está abaixo do nível de consciência dos falantes da língua não passando, assim, pelo processo de avaliação.

¹ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Logo, passa a ser inegável o fato de essa comunidade e, conseqüentemente, sua fala já fazerem parte da realidade linguística de várias línguas, inclusive do português do Brasil. Um fato que comprova isso é a diversidade de programas televisivos, *sites* de entretenimento que criam personagens *gays* carregados de uma linguagem específica e caricaturesca. Outro fato que pode comprovar essa afirmação é o surgimento de pesquisas que sinalizam a existência de um falar *gay*, como Gonçalves (2003) e de pesquisas voltadas para a descrição desse falar, como em Mendes (2011, 2012b). Esses estudos se desenvolvem na comparação e aproximação entre o falar *gay* e o falar feminino, avaliando os fatos linguísticos como marcadores de sexo/gênero. Se esses dois fatos já não fossem suficientes para motivar pesquisas sobre o falar *gay*, poderíamos ainda citar um terceiro que já aparece no primeiro estudo sociológico que tematizou a homossexualidade na cidade de São Paulo, desenvolvido por Silva(1959). Na sua análise sobre a formação da identidade do grupo *gay*, ele nota, por exemplo, que dois indivíduos, mesmo que não se conheçam, mas sejam pertencentes ao mesmo grupo, seriam capazes de se identificar como pertencentes à mesma comunidade por “particularidades de comportamento” como “gestos, **maneira de falar** ou andar, companhias preferenciais, roupas que usam, fatos, objetos e situações que atraem a atenção” (SILVA, 1959 – grifo nosso). As palavras sublinhadas nos mostram, já no início da percepção da criação de uma possível identidade do grupo *gay* na cidade de São Paulo, que há muito se percebe a existência de “alguma coisa” no modo de falar do homossexual que demarque o seu “ser *gay*”.

Tendo em vista, portanto, esses contextos, o objetivo desta pesquisa é apresentar uma descrição e análise do que seria essa *fala gay*. Para tanto, partimos da observação do estereótipo linguístico de *gays*, aventada em outros trabalhos (GONÇALVES, 2003) e depreendida principalmente de personagens midiáticos (TV, cinema e blogs), de que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo, quando usado por homens, pode indicar a homossexualidade do falante. Esse fato linguístico não foi aleatoriamente escolhido. O uso excessivo de adjetivos com derivação de grau superlativo já faz parte do imaginário do que seria, para uma grande parcela da sociedade, o “falar *gay*”. Ao digitar, por exemplo, “superlativo *gay*” no site de buscas *Google*, aparece, nos dois primeiros resultados, uma lista² constando dez dicas para descobrir se um homem é *gay* e o primeiro item da lista é o seguinte:

² A lista toda pode ser encontrada na página do *Facebook* chamada *Piadorama*, disponível em: <https://www.facebook.com/Piadorama.com.br/posts/290475537779416>.

"Usa superlativo sintético. Homem de verdade não fala "isso está chiquíssimo" "estou atrasadíssimo" "que caríssimo" "você está lindíssima" Se o cara que você quer usa essas expressões, caia fora amiga! Esse pitbull é Lessie!"

Embora o teor do texto seja de humor duvidoso e repleto de preconceitos, fica evidente que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo não é associado à fala de homens que se identificam como heterossexuais sendo, portanto, associado à fala de homens *gays*.

Gonçalves (2003) sinaliza que o uso feito por falantes do sexo masculino de adjetivos com derivação de grau superlativo é, muitas vezes, considerado como uma marca *gay*, ou um modo *efeminado* de falar. Para exemplificar, o autor apresenta o que seriam duas supostas evidências de que os sufixos intensivos –íssimo(a), –íssimo(a) e –ésimo(a) são indexados à "fala *gay*", mesmo que de forma caricaturesca. A primeira é a descrição de uma conversa informal entre homens que, em uma mesa de bar, descreviam o comportamento de um homossexual que eles conheciam. Em determinado momento, um deles diz:

"O cara né, gozadão... Nem um pouco discreto... O cara vive soltando a franga. Lá na faculdade, ele vai todo afetado dizendo pras meninas: (mudança de voz com trejeitos) "aí eu cheguei ar-ra-san-do, de salto, chiquíssima, elegantíssima, ma-ra-vi-lho-sa" (risos) (GONÇALVES, 2003, pg. 54)."

Como fica evidente no, o rapaz, ao buscar reproduzir a "fala *gay*" desse conhecido, utilizou os sufixos intensificadores –ésimo e –íssimo, o que reforça a ideia de que essas podem ser formas específicas da fala desse grupo. O segundo aspecto apresentado pelo autor para sustentar a ideia de que esses sufixos são relacionados com a fala de *gays* é um teste de avaliação/percepção realizado com cinco indivíduos do sexo masculino que, embora o pesquisador não nos dê informações a respeito da sexualidade desses indivíduos, podemos inferir pelos seus comentários (1, 2 e 3 abaixo) que eles não avaliam positivamente o "ser *gay*" e buscam se afastar dessa categorização. Foi pedido que eles avaliassem dez enunciados prototípicos em que o acento de intensificação aparecesse nos sufixos intensificadores –íssimo(a), –íssimo(a) e –ésimo(a), lidas por um homem (sem traços efeminados), e por uma mulher. Gonçalves destaca quatro depoimentos, dos quais três são reproduzidos a seguir:

1. Ih! Caramba! Parece coisa de boiola (risos)... Esse cara aí... heim? (risos) Não sei não, não sei não.

2. Sinceramente, eu não acho legal um homem falar assim não. Fica muito esquisito. Sabe de uma coisa: fica é ridículo mesmo. Esquisitão falar assim meio alongado, mole. Não pega muito bem não.
3. Eu não falo assim não. É exagerado demais... será que é tudo tão – *érrimo* (mudança na qualidade de voz, com alongamento excessivo da tônica) assim? Acho mais legal o *irado*. (GONÇALVES, 2003, pg. 55).

Pelos comentários, nota-se que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo foi avaliado negativamente pelos participantes da pesquisa, o que poderia indicar que são formas estigmatizadas que poderiam indiciar a homossexualidade do falante do sexo masculino. O autor, no entanto, não lança mão de recursos metodológicos para analisar a fala de homens *gays*, propriamente dita, e verificar se tais afirmações correspondem à realidade linguística desses homens e acaba por fazer afirmações muito categóricas a respeito da fala desse grupo pautadas apenas na avaliação que outras pessoas, aparentemente não *gays*, têm sobre a fala dessas pessoas.

As suposições e impressões a respeito da fala de homens *gays* apresentadas apontam a necessidade de uma pesquisa sociolinguística acerca do uso do superlativo como marca de identidade de gênero. Considerando amostras de fala espontânea de falantes do sexo masculino assumidamente *gays*, esperamos discutir o uso do superlativo no âmbito do que nos referimos como "falar *gay*".

Considerando que seria necessário um estudo sistemático desse aspecto da *fala gay*, esta pesquisa tem como objetivo analisar amostras de fala de 24 entrevistas sociolinguísticas feitas com homens *gays* visando a conferir a frequência de uso dos adjetivos com derivação de grau superlativo e os possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam estar associados ao uso dessas formas. Considerando nossos resultados preliminares, formulamos a hipótese de que, por se tratar de uma forma linguística fortemente estigmatizada e estereotipada, o uso do superlativo estaria relacionado a questões de identidade e estilo.

Uma vez que, como anteriormente mencionado, os homens heterossexuais evitam o uso dessa derivação por associarem-na ao falar de *gays* e que, nas palavras de Thorne & Henley (1975, pg.115 apud GONÇALVES, 2003 pg.52) esse falar *gay* é caracterizado pela aproximação exagerada com o feminino, surge como necessidade natural de nosso trabalho confrontar os dados da nossa amostra com dados de homens e mulheres heterossexuais. Considerando o nosso tempo disponível para a conclusão deste trabalho, seria inviável a elaboração de tal amostra. A única opção é, portanto,

recorrer a bancos de dados de fala do português do Brasil previamente compilados por outros pesquisadores, como o Banco de Dados do Projeto Iboruna/ALIP. O efeito metodológico negativo desse procedimento é que esse banco de dados selecionou seus informantes considerando apenas o sexo, não sendo possível, portanto, acessar informações sobre gênero, identidade de gênero e sexualidade desses informantes.

Apesar de reconhecer que o efeito do confronto dos dados da amostra de fala *gay*, por nós elaborada, e aqueles do Projeto Iboruna não é totalmente confiável no que diz respeito ao contraste entre fala de homossexuais e heterossexuais, optamos por levar adiante esse procedimento, principalmente, porque seria muito difícil tirar conclusões sobre frequência de uso e condicionamentos linguísticos e extralinguísticos sem considerar um grupo "controle". Desse modo, analisaremos também 24 entrevistas de homens e 24 entrevistas de mulheres, retiradas do banco de dados Iboruna, a fim de verificar se os resultados obtidos a partir da amostra de fala de homens que se auto-identificaram com *gays* contrasta em algum aspecto com a amostra de fala de homens e mulheres que não foram selecionados pela orientação sexual nem pela identidade de gênero.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1 apresentamos os embasamentos teóricos que serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa. Na seção 2 apresentamos a metodologia que foi utilizada para coleta e análise dos dados, juntamente com as decisões tomadas para a constituição do que chamamos de grupo controle. A seção 3 abarca a descrição e análise dos dados obtidos com as entrevistas, juntamente com o questionamento de como os papéis sociais que se espera que uma pessoa siga podem interferir em sua maneira de falar. Por fim apresentamos a conclusão e as referências bibliográficas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentaremos os embasamentos teóricos que nortearam a pesquisa que aqui descrevemos. Iniciamos com uma discussão dos termos “sexo”, “gênero” e “sexualidade” com enfoque nas pesquisas sociolinguísticas na subseção 1.1. Em seguida, na subseção 1.2, tratamos dos conceitos de “identidade” e “estilo” e como eles poderiam, e podem, influenciar e ajudar na análise dos dados por nós coletados. Na subseção 1.3 apresentamos uma discussão a respeito dos conceitos de “indicadores”, “marcadores” e “estereótipos”, nos termos de Labov (2008[1972]), dando maior ênfase a constituição de um estereótipo social e por fim discorrendo a respeito do estereótipo de homens *gays*. A subseção 1.4 apresenta um levantamento de pesquisas que buscaram descrever/analisar a fala de homens *gays*, em primeiro momento baseando-nos em Kulick (2000) para o que diz respeito às pesquisas em língua inglesa e em seguida trabalhos partilhando desse objetivo em língua portuguesa. O fenômeno linguístico de que trata esta pesquisa, o adjetivo com derivação de grau superlativo absoluto sintético, é mais detalhado na subseção 1.5.

1.1.Sexo e Gênero

Scott (1989) faz um levantamento histórico sobre o aparecimento da palavra “gênero” como rejeição ao determinismo biológico implícito no uso do termo “sexo”. A autora aponta que o termo “gênero”, tal qual conhecemos hoje, parece ter aparecido com as feministas americanas que tinham como intenção insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo e, em decorrência disso, houve uma mudança na noção do termo “sexo”. No âmbito da linguística, as pesquisas sociolinguísticas/variacionistas, segundo Santos (2011), até a década de 1970 concebiam sexo da mesma maneira que as ciências sociais e as pesquisas que buscavam relacionar gênero e variação na linguagem acompanharam a evolução do pensamento feminista nas décadas seguintes. A autora mostra que isso ocorreu devido à percepção de que as categorias sociais, inclusive o sexo, eram muito mais complexas do que se pensava, e que, como consequência disso:

"os indivíduos deixaram de ser categorizados apenas segundo seu sexo biológico, visão do paradigma essencialista, passando a ser reconhecidas as dimensões sociais e psicológicas para categorização dos indivíduos". (SANTOS, 2011, pg. 45).

Bucholtz (2002) e Cheshire (2003), por outro lado, mostram em seus trabalhos que, embora tenha existido essa troca do termo “sexo” pelo termo “gênero”, motivado pelo movimento feminista previamente mencionado, os estudos baseados em “diferenças pautadas em gênero”³ não se diferenciavam muito daqueles que antes eram chamados de estudos baseados em “diferenças pautadas no sexo”⁴ e que, conforme os estudos foram se tornando cada vez mais “não-comparativos”, “gênero” passou a ser muitas vezes usado como sinônimo de “mulher”, e as identidades de gênero masculinas, já muito pouco pesquisadas, foram cada vez mais esquecidas. Bucholtz (2002) também afirma que muitos pesquisadores mantiveram o uso do termo “sexo” acreditando que tal termo dá um ar de justificativa biológica aos seus trabalhos. Isso mostra a extrema, e urgente, necessidade de se trazerem teorias modernas sobre sexo e gênero para dentro da Sociolinguística. Bucholtz diz que não se pode esquecer que, quando se tem sexo ou gênero como objeto de pesquisa, tem-se na verdade os dois juntos. Judith Butler, teórica de questões relacionadas ao gênero, lembra que:

"a definição de “sexo” como biológico e de “gênero” como tendo origem social ou cultural deixa de lado o fato de que “sexo”, assim como o “gênero”, é um construto social; ou seja, a ele são atribuídos significados sociais por seres sociais, e o corpo assim, semioticamente, indexa ideologias sobre práticas e habilidades sociais". (BUTLER, 1990,1993 *apud* BUCHOLTZ, 2002, tradução nossa).⁵

Em função do nosso fenômeno de estudo, essa pesquisa é desenvolvida no âmbito da Sociolinguística e, logo, não podemos dissociar os fatos linguísticos da sociedade em que eles estão inseridos e muito menos dos papéis de gêneros que são construídos socialmente. A nossa sociedade ocidental molda o sexo e o gênero da criança desde o berço ou ainda antes, desde dentro do útero da mãe. Azul para meninos, rosa para meninas; meninos brincam com carrinhos e meninas com boneca; ou seja, tanto os meninos quanto as meninas estão, respectivamente, expostos a atividades tradicionalmente masculinas e femininas, para que saibam o papel que se espera que eles cumpram quando se tornarem adultos. Bucholtz (2002) assevera que isso não

³ *Gender differences research*

⁴ *Sex differences research*

⁵ Judith Butler (1990, 1993) has pointed out, the definition of sex as biological and gender as social or cultural in origin misses the fact that sex, like gender, is a social construction; that is, it is assigned social meanings by social beings, and the body thus semiotically indexes a host of ideologies about social (and other) practices and abilities. (BUTLER, 1990,1993 *apud* BUCHOLTZ, 2002, p.34)

significa que o sexo e o gênero de um indivíduo serão sempre isomórficos, mas é justamente a divergência entre sexo e gênero que justifica uma pesquisa como esta que aqui se propõe.

Eckert e McConnell-Ginet (2003) discutem que gênero vai além de algo estático que o indivíduo “possui” (como por exemplo, o sexo) e pode ser analisado isoladamente de outros aspectos sociais de identidade ou em interação com eles. As autoras afirmam que o gênero é algo que “realizamos” ou “fazemos” em um conjunto complexo de práticas sociais. Bucholtz (2002), por sua vez, assegura que, para que possamos entender identidades de gênero dentro de toda sua complexidade, não é somente necessário levar em consideração o gênero ou sua relação com o sexo, mas também um terceiro fator que é muito sensível a essa pesquisa: a sexualidade.

1.1.1. O termo *sexualidade* para as pesquisas variacionistas

Bucholtz (2002) refere-se ao trabalho de Burchfield (1981), em que o autor relata dificuldades encontradas pela emissora BBC⁶ ao tentar persuadir estações de rádio regionais do Reino Unido, geralmente narradas por homens, a adotar um sotaque de maior prestígio. O porta-voz de uma das rádios respondeu da seguinte maneira: “se pronunciarmos tudo como foi sugerido, nossos ouvintes do norte vão pensar que somos um bando de “viados”⁷. Esse tipo de julgamento se parece bastante com aqueles feitos com relação aos adjetivos com derivação de grau superlativo produzidos por homens descritos na lista do site *Piadorama* e em Gonçalves (2003), mencionadas na introdução deste trabalho. Bucholtz (2002) assevera que comentários dessa natureza indicam que a sexualidade, muito fortemente ligada ao gênero, merece uma investigação mais aprofundada como uma variável sociolinguística, uma vez que ao uso linguístico de cada gênero são atribuídas significações sociais de acordo com diferentes ideologias de sexualidade. Além disso, a autora afirma que *sexualidade* inclui, além da *orientação sexual*, definida pelo gênero pelo qual a pessoa se sente atraída, uma *orientação para a sexualidade*⁸, que seria uma compilação de práticas e ideologias sexuais e sexualizadas que dão forma às interações do dia a dia. É importante lembrar que Bucholtz (2002) não nega a importância e o uso de nenhum dos conceitos até agora comentados; *sexo*,

⁶ British Broadcasting Corporation, uma das maiores e mais famosas emissoras de rádio e televisão do Reino Unido.

⁷ Tradução escolhida para o termo *poofter* em inglês, que é uma gíria pejorativa para se referir a homossexuais, assim como *viado* é utilizado no Brasil.

⁸ *Orientation to sexuality* (BUCHOLTS, 2002, pg. 36)

gênero e *sexualidade*. O que propõe é renovar as teorias conflitantes de definição que existem para *sexo* e *gênero* e a implementação do conceito de *sexualidade* nas pesquisas variacionistas.

A autora ainda deixa bem claro que essas conexões e diferenciações entre os termos *sexo*, *gênero* e *sexualidade* mostram que todas essas dimensões devem ser cuidadosamente consideradas em todo estudo sociolinguístico que envolver qualquer um deles.

1.2. Identidade e Estilo

A relação entre língua, identidade e estilo vem sendo estudada tradicionalmente desde o advento dos primeiros estudos variacionistas com Labov no início da década de 1960. O autor desenvolveu o estudo seminal na ilha de Martha's Vineyard (2008[1963]) no qual observou que o uso feito pelos nativos da ilha de uma ou outra variante da variável estudada pelo autor era a maneira que alguns habitantes da ilha tinham de se reafirmarem como nativos, não aceitando a ocupação espacial e cultural decorrente da forte atividade turística em curso na ilha. Por outro lado, o uso maior da variável neutra era maior na fala do grupo de falantes que ou pretendiam deixar a ilha ou tinham uma atitude receptiva em relação ao desenvolvimento das atividades turísticas em detrimento das atividades econômicas tradicionais da ilha. O resultado fundamental da pesquisa de Labov com os moradores da Ilha de Martha's Vineyard foi mostrar essa relação entre identidade e variação linguística.

É também Labov que apresenta as primeiras investigações sociolinguísticas a respeito da variação estilística. Buscando identificar dados que representassem a fala “casual” ou “natural” do falante ao invés de uma fala mais monitorada em decorrência da presença do entrevistador, Labov propôs uma orientação para a elaboração de uma entrevista sociolinguística. Com essa entrevista esperava-se que os falantes produzissem vários tipos de fala, do mais casual, através de tópicos como costumes da infância, situações perigosas, e narrativas a respeito de terceiros como, por exemplo, histórias de seus familiares, amigos, à fala mais cuidadosa, como a leitura de textos, lista de palavras ou uma lista de pares mínimos. Labov desenvolveu tal entrevista tendo por crença que mudanças de estilo são motivadas pela atenção que o falante presta à sua fala, ou seja, quanto menor for a atenção do falante à fala, mais casual e mais próximo do “vernáculo” será a fala dele.

Schilling-Estes (2003) afirma que, apesar das contribuições que esse estudo possa ter oferecido, ele recebeu inúmeras críticas, como, por exemplo, de ele “ser muito unidimensional, uma vez que existem estilos de fala que não se encaixam nesse contínuo baseado no grau de atenção dado à fala, ou formal-informal”⁹ (p.6 – tradução nossa). A autora ainda assevera que “essa metodologia não foi elaborada com a intenção de identificar todos os tipos de estilo de fala existentes na vida real, mas que ele servia como uma ferramenta útil para identificar o que seria “fala casual” na entrevista sociolinguística” (SCHILLING-ESTES, 2003, p.6, tradução nossa).¹⁰

Outras abordagens que buscaram superar algumas das limitações do modelo *laboviano* de atenção dada à fala foram a Teoria da Acomodação (GILES, 1973) e a Teoria do *Design* da Audiência (BELL, 1984) que, por sua vez, toma por base a anterior. A primeira representa um modelo psicológico social que tem por objetivo descrever como os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor. Essa acomodação de seus estilos linguísticos se daria de maneira estratégica para se aproximar (convergência) ou se distanciar (divergência) do interlocutor. Já a Teoria do *Design* da Audiência de Bell (1984) buscou ampliar a anterior porque vai além dos efeitos causados pelo interlocutor, levando em conta também efeitos causados por terceiros (ouvinte: presente na interação, mas não a quem o falante está se dirigindo; ouvinte eventual: não participante da interação, mas próximo a ela possibilitando que a escute; ouvinte que não está próximo nem se sabe se ele está presente) que podem também fazer parte da audiência do falante. Logo, o falante modela a sua fala também de acordo com a sua audiência, adaptando-a caso tenha a intenção de se aproximar ou distanciar-se dela. Para Mendes (2012b),

"a teoria de Bell (1984) é inovadora na medida em que traz a noção de que os próprios falantes podem, individualmente, variar seu estilo de fala, a fim de atingir diferentes objetivos sociais. Se os falantes podem adotar traços linguísticos socialmente marcados no intuito de evidenciar sua associação ou dissociação diante de seu interlocutor (unitário ou coletivo), a teoria do “Design da Audiência” nos dá acesso ao papel do indivíduo na construção da identidade linguística”(MENDES, 2012b. p. 116).

⁹ “for being too unidimensional, and it has been pointed out that there are certain speech styles that simply do not fit into a continuum based on degree of attention paid to speech, or on formality vs. informality.” (SCHILLING-ESTES, 2003, p.6)

¹⁰ “was never intended to capture the many different types of speech styles we are likely to find in real life, or their many conditioning factors, but merely to serve as a useful means for identifying “casual” speech in the socio-linguistic interview”. (SCHILLING-ESTES, 2003, p.6)

A partir do que já foi apresentado, Eckert (2012) afirma que os estudos sociolinguísticos podem ser divididos em três momentos distintos ou, como chamou a autora, em três diferentes ondas.

De acordo com Eckert (2012), os estudos de primeira onda têm início com Labov e sua pesquisa a respeito da estratificação social do inglês de Nova Iorque, cujos resultados foram replicados em uma série de estudos de comunidades urbanas não só nos Estados Unidos como em vários outros países. Esses estudos estabeleceram um padrão regular de estratificação socioeconômica de variáveis linguísticas mostrando uma maior utilização de variáveis não padronizadas no extremo inferior da hierarquia econômica, e uma diminuição na frequência de uso dessas variáveis conforme a ascensão na hierarquia de classes socioeconômicas (ECKERT, 2012). A autora também afirma que foram os estudos de primeira onda que definiram a base metodológica para o estudo da variação, mostrando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais, como classe socioeconômica, gênero, idade, etc. O pressuposto da primeira onda era de que as variáveis podiam carregar o status socioeconômico dos falantes e, nas palavras de Eckert (2012) “interpretavam a significação social da variação em função de uma compreensão geral das categorias que serviam para selecionar e classificar os falantes, ao invés de fazê-lo através do conhecimento direto dos próprios falantes e suas comunidades” (ECKERT, 2012. p.90 tradução nossa.)¹¹.

Os estudos de segunda onda por sua vez, tiveram uma abordagem etnográfica para com a variação. Esses estudos, diz Eckert, buscaram categorias locais que pudessem elucidar a relevância das categorias sociais, foco da primeira onda, num ambiente local. Viam o vernáculo como uma expressão da identidade local e de classe dos falantes. Para Freitag *et al* (2012):

os estudos etnográficos enfocam comunidades menores por períodos de tempo relativamente longos com o objetivo de descobrir as categorias sociais localmente mais salientes. Essas categorias podem ser instâncias locais das categorias primárias que guiam os estudos quantitativos, mas o traço distintivo crucial desse tipo de estudo é a descoberta do lugar dessas categorias na prática social local. (FREITAG *et al*, 2012, p. 921)

Já os estudos de terceira onda começam a ver a variação como reflexo das categorias sociais, analisando as práticas estilísticas do falante. A ênfase aqui se dá justamente nessa prática estilística e coloca o falante não mais como um portador

¹¹ interpreted the social significance of variation on the basis of a general understanding of the categories that served to select and classify speakers rather than through direct knowledge of the speakers themselves and their communities. (ECKERT, 2012. p.90)

estável e passivo da língua que adéqua a sua fala em função da formalidade da situação, mas sim como um agente estilístico, que vai combinando estilos continuamente para criar sua identidade (ECKERT, 2012).

Como veremos na seção 3, é a partir dos estudos de terceira onda que desenvolveremos nossa análise, uma vez que, como afirma Eckert (2012), foram esses estudos que permitiram verificar que inicialmente alguma característica da fala de uma população pode, eventualmente, chamar a atenção dos falantes de uma sociedade e que isso pode acabar se tornando um índice de pertencimento aquela população (ECKERT, 2012). A autora ainda assevera que tal característica pode ser usada por pessoas não pertencentes ao grupo que a utiliza para criar estereótipos associados à população. Para a autora, esse estereótipo pode servir para difamar algum grupo ou para louvar as suas qualidades ou também para criar diferenciações dentro de uma sociedade e poderemos verificar que essas são ideias que vão auxiliar substancialmente na análise de nossos dados.

1.3. Indicadores, marcadores e estereótipos: avaliação social e estereótipo gay.

Labov (2008[1972]) assevera que “podemos classificar os diversos elementos envolvidos na mudança linguística segundo o tipo de avaliação social que eles recebem” (LABOV, 2008[1972], p.360), ou seja, as variáveis linguísticas não são sempre avaliadas da mesma maneira, não são sempre prestigiadas ou estigmatizadas. O autor classifica as variáveis em três categorias de acordo com a avaliação social que recebem: a) *indicadores*: aqueles que mostram uma diferenciação social, como idade ou grupo social, mas que não mostram variação estilística e parecem também ter pouca força avaliativa; b) *marcadores*: mostram tanto variação social quanto estilística, podem estar abaixo do nível de consciência, mas recebem regularmente uma avaliação em testes de avaliação subjetiva; c) *estereótipo*: formas marcadas socialmente e rotuladas pela sociedade, são fatos sociais que fazem parte do conhecimento geral dos falantes de uma comunidade, os falantes reconhecem e falam a respeito desses estereótipos (LABOV, 2008[1972]).

Tajfel e Turner (1979) caracterizam um grupo social como um conjunto de pessoas que se identificam como membros da mesma categoria social, “compartilham algum envolvimento emocional nessa definição comum deles mesmos, e obtêm algum grau de consenso social a respeito da avaliação de seu grupo e de sua filiação a ele”

(TAJFEL; TURNER, 1979, p.40, tradução nossa¹²). De acordo com os autores, os membros de um grupo social, por sua vez, tornam-se capazes de definir outros indivíduos como similares ou diferentes assim como definir outros grupos sociais como melhores ou piores do que aquele a que ele pertence. Tais julgamentos são feitos, muitas vezes, levando em conta conceitos gerais que um indivíduo/grupo social tem do outro, ou seja, o estereótipo que um grupo tem do outro.

Para Hewstone e Giles (1997) são três os aspectos principais para caracterizarmos um estereótipo:

4. outros indivíduos são caracterizados geralmente com base em características facilmente identificáveis como sexo, etnicidade, estilo de fala;
5. um conjunto de traços, papéis, emoções, interesses, etc. é atribuído a todos (ou à maioria) dos membros daquela categoria. Indivíduos pertencentes ao grupo estereotipado são tidos como similares uns aos outros e diferentes de outros grupos, ou desse conjunto de atributos;
6. o conjunto de atributos é atribuído a qualquer membro individual daquela categoria. (HEWSTONE; GILES, 1997, p. 271, tradução nossa)¹³

O senso comum, perpetuado inclusive na literatura, considera que pessoas oriundas das periferias ou da zona rural, chamados de "caipiras" com sentido pejorativo, por exemplo, representam um estereótipo construído a partir não apenas da maneira de se vestir e portar, mas também na maneira de falar. Embora saibamos tratar-se de uma avaliação equivocada, é comum a associação entre indivíduos oriundos das classes socialmente marginalizadas à falta de concordância verbal e nominal, e entre os falantes da variedade caipira ao uso do /r/ retroflexo.

Muitos desses estereótipos tendem a criar preconceitos para com os indivíduos pertencentes ao grupo estereotipado por serem socialmente muito estigmatizados. Bagno (2007) afirma que esses preconceitos e estereótipos são reforçados por serem frequentemente alimentados pelas mídias, como programas televisivos e de rádio.

¹² share some emotional involvement in this common definition of themselves, and achieve some degree of social consensus about the evaluation of their group and of their membership of it. (TAJFEL; TURNER, 1979, p.40)

¹³ 1) Other individual are categorized, usually on the basis of easily identifiable characteristics such as sex, ethnicity, speech style. 2) A set of traits, roles, emotions, abilities, interests, etc., is attributed to all (or most) members of that category. Individuals belonging to the stereotyped group are assumed to be similar to each other, and different from other groups, or this set of attributes. 3)The set of attributes is attributed to any individual member of that category. (HEWSTONE E GILES, 1997, p. 271)

Labov (2008[1972]) afirma que alguns estereótipos, mesmo sendo muito estigmatizados, permanecem na língua por muito tempo, enquanto outros, caso sofram uma repressão social muito grande, podem levar rapidamente à mudança linguística. Isso comprova a importância de se estudar estereótipos e variáveis estereotipadas por um ponto de vista sociolinguístico, uma vez que o impacto que a avaliação desses estereótipos causa contribui para a manutenção ou extinção de variáveis linguísticas (LEITE, 2011)

As discussões apresentadas acima são de extrema importância para essa pesquisa, uma vez que a imagem de homens *gays* vem sendo constantemente reforçada pelo estereótipo do homem *gay* hipersexualizado, promíscuo, afeminado e homogêneo, como se todos os *gays* fossem exatamente da mesma maneira e não um grupo de variados tipos de pessoas como qualquer outro.

A mídia, porém, em sua maioria, continua por representar o *gay* a partir de uma única forma de ser. A associação do uso de superlativos sintéticos, por exemplo, à fala *gay* é fortalecida por personagens *gays* de televisão que utilizam muito frequentemente esses afixos como, por exemplo, o *Seu Peru*, personagem de Orlando Drumond no programa humorístico *Escolinha do professor Raimundo* (1990-1995), que em um dos episódios diz o seguinte:

7. Estou **tristíssimo**, *teacher*, **tristíssimo**. Estou um caco... estou arrasada. É **gravíssimo**, *teacher*, não sei o que fazer da minha vida.

No final do ano de 2015, o canal *Viva* exibiu a *Nova Escolinha*, em comemoração aos 25 anos do programa, com novos atores no papel dos célebres alunos da série. Dessa vez foi o ator Marcos Caruso quem interpretou o personagem *Seu Peru*. Podemos ver que, mesmo com tantos anos de distância, ainda é colocado na fala desse personagem estereotipicamente *gay* o uso de superlativos. Em uma aparição do personagem de menos de três minutos em um dos episódios, aparece o uso de três adjetivos com sufixos intensificadores, como podemos ver em:

8. *Professor*: Eu acho que ele tava usando traje espacial
Seu Peru: horroroso diga-se de passagem ele achava **cafonérrimo**.
9. No par ou ímpar que foi tirado entre os dois pra ver quem primeiro pisava na lua ele ficou **magoadíssimo** porque quem ganhou foi Armstrong.
10. Eles tiveram uma D.R. **complicadíssima**.

Seja com a intenção de dar maior visibilidade para a comunidade ou continuar a representar grupos minoritários de forma caricaturesca para que os grupos maiores e mais gerais possam se divertir às suas custas, muitos personagens *gays*, como o Seu Peru, já existiram e ainda existem na mídia. Vale lembrar, para tentar entender essa associação dos sufixos intensificadores a homens *gays*, que a caricatura enfatiza e exagera as características de uma pessoa ou de um grupo, acentuando seus gestos, vícios e hábitos particulares. Ou seja, a caricatura parte sempre da observação de características reais percebidas no indivíduo ou no grupo para poder ressaltá-las.

1.4. A fala de *gays*: estudos prévios

Don Kulick (2000) em seu texto intitulado “Gay and lesbian language” faz uma revisão de um grande número de trabalhos que tiveram como tema a fala de *gays* e lésbicas em língua inglesa. Logo no início de seu texto, ele aponta que decidiu começar a desenvolvê-lo, por concordar com a suposição de que havia pouca literatura sobre o assunto. Tal suposição, explica, parte da leitura de textos da segunda metade dos anos 1990 que traziam poucas, ou até mesmo nenhuma, páginas abordando o assunto:

O novo compêndio sobre língua e gênero de Romaine (1999) dedica um total de três páginas (de 355) à discussão de linguagem *queer*; e o livro recente de Haiman (1998) sobre sarcasmo tem uma seção de duas páginas sobre “Gayspeak”, nas quais ele declara que a falta de pesquisa nessa área o forçou a recorrer à “Os Rapazes da Banda”¹⁴ para buscar exemplos (pp. 95-97); uma introdução inovadora aos estudos de lésbicas e *gays* abordando tudo desde “geografia *queer*” à “classe”, mas nada a respeito de linguística (Medhurst & Munt, 1997); e manuais de Duranti (1997) e Foley (1997) sobre linguística antropológica e antropologia linguística não traziam nada sobre a linguagem de *gays*, lésbicas e transgêneros. Até mesmo estudos recentes a respeito do “Gay English” e linguística *queer* mencionam poucas referências (Leap 1996, Livia; Hall 1997a). (KULICK, p. 245-246. Tradução nossa¹⁵)

¹⁴ Filme de 1970 dirigido por William Friedkin que mostra as relações de um grupo de homossexuais durante uma festa de aniversário até a chegada de um heterossexual que foi convidado por acidente.

¹⁵ “Romaine’s (1999) new textbook on language and gender devotes a total of three pages (out of 355) to a discussion of queer language; and Haiman’s (1998) recent book on sarcasm has a two-page section on “Gayspeak,” in which he declares that lack of research forces him to turn to *The Boys in the Band* (God help us) for examples (pp. 95–97). A cutting-edge introduction to lesbian and gay studies has chapters on everything from “queer geography” to “class,” but nothing on linguistics (Medhurst & Munt 1997); and textbooks by Duranti (1997) and Foley (1997) on anthropological linguistics and linguistic anthropology have not a word to say about gay, lesbian, or transgendered language. Even recent texts on “Gay English” and queer linguistics mention only a handful of references (Leap 1996, Livia & Hall 1997a).”

Tendo essas obras em mente, o autor afirma ter ficado muito surpreso quando, ao fazer o levantamento bibliográfico para redigir o texto a que me refiro, encontrou quase 200 títulos a respeito do falar *gay* e lésbico. A partir desse grande número de pesquisas que havia encontrado, o autor coloca a seguinte pergunta: “Por que então parece ser um consenso a crença de que há pouca pesquisa tratando do falar *gay* e lésbico?” (KULICK 2000, p 246).

Ele próprio responde a essa indagação elencando os seguintes motivos: 1) porque essas pesquisas tiveram quase nenhum impacto em nenhum ramo da Sociolinguística ou Antropologia Linguística; 2) a publicação desses trabalhos era feita geralmente em publicações obscuras, talvez devido ao fato de a academia até pouco tempo desencorajar publicações sobre homossexualidade que não a tratassem como anormalidade; 3) por esse assunto ainda não integrar nenhuma disciplina específica, sendo pesquisado por filologistas, foneticistas, linguistas, antropólogos, especialistas em comunicação, pesquisadores sobre estudos da mulher, entre outros, que tinham pouco contato com trabalhos de disciplinas fora das suas; 4) muitas das pesquisas sobre o falar de *gays* e lésbicas consistiam em listas de termos utilizados em grupos fechados, discussão dos termos para “homossexual”, debates sobre os prós e contras de palavras como “*gay*” e “*queer*” ou etimologia de palavras como “*sod*”, “*dyke*”, ou “*closet*”¹⁶. (KULICK, 2000). Tais pontos, principalmente (2) tornaram difícil o nosso acesso aos trabalhos originais a que Kulick se refere, logo as referências a autores com trabalhos a respeito da fala de *gays* em língua inglesa aqui colocadas, e que não constarem nas referências, foram retiradas desse compêndio organizado por Kulick (2000).

Kulick assevera que, embora essas sejam informações interessantes, estão longe de possibilitar o surgimento de uma teoria que a destacaria como disciplina. Hayes (1978 apud KULICK, 2000) também já havia observado que pesquisas sociolinguísticas sobre o falar de *gays* e lésbicas são dificultadas, pois trabalhos importantes apareceram em periódicos esgotados, efêmeros e de pequena circulação. O autor deixa claro que faz essa revisão bibliográfica a partir da hipótese de que algo como “linguagens/falas *gays* e lésbicas” nem mesmo existam. Ele afirma que pessoas que se auto-identificam como *gays* ou lésbicas podem sim fazer o uso da linguagem em certas maneiras e contextos específicos, mas que isso é diferente de dizer que existe uma “linguagem *gay* e lésbica”. Na subseção 1.3.2, por exemplo, ilustramos o que seria um falar *gay* estereotipado, algo

¹⁶ Sexo anal; lésbica; armário, respectivamente.

que, para os falantes de português no Brasil, é quase que imediatamente relacionado aos homossexuais. Todavia, Mendes (2011) assevera que, embora o fato desses personagens sempre virem dotados de um modo específico de ser e as noções de “*gay* afeminado” ou “*gay* com jeito de hétero” ilustrem um “autêntico modo de ser” (MENDES, 2011, p. 101), é necessário lembrarmos da possibilidade de que existam homens *gays* cuja performance linguística não seja percebida/avaliada como *gay*, assim como existem homens cuja performance linguística pode ser avaliada como *gay*, mesmo estes sendo heterossexuais (MENDES, 2011). Esse uso socialmente construído e situacionalmente contextualizado de formas linguísticas que podem ser avaliadas como *gays* será mais detalhado na seção 4, juntamente da análise dos dados.

Kulick (2000) dá início à revisão da literatura tematizando a fala de *gays* e lésbicas, comentando a obra de 1995 do antropólogo e linguista William Leap, chamada “Beyond the Lavender¹⁷ Lexicon”, que faz um apanhado de pesquisas que tratam do falar de *gays* e lésbicas desde os anos 1940. Sua obra leva este título por, afirma Leap, “haver na pesquisa linguística da fala *gay* e lésbica nada mais do que uma compilação de dicionários ou da etimologia de palavras únicas presentes na fala deles” (LEAP, 1995 apud KULICK, 2000 pg. 247, tradução nossa). O autor tem como esse seu objetivo, pois, até por volta dos anos 1980, pesquisas sobre a fala de *gays* e lésbicas se resumiam principalmente a listas de termos utilizados entre *gays* e lésbicas e de discussões baseadas nesses termos. As motivações para tais estudos que se baseavam em listas de vocabulários eram diversas, alguns autores queriam desvendar o código utilizado por grupos minoritários, enquanto outros buscavam analisar as qualidades socioculturais do grupo que utilizava tais palavras.

Allen Walker Read [1977 (1935) apud Kulick (2000)] representa, talvez, a primeira documentação em inglês de palavras que poderiam ser usadas pelo menos por alguns *gays*. Ele desenvolveu um estudo sobre mensagens escritas em banheiros masculinos dos Estados Unidos e Canadá. Kulick pontua que Read não diz nada a respeito da linguagem de *gays* em seu livro, mas que algumas frases como “Quando você vai me encontrar e chupar meu pau? Eu chupo todos os dias” ou “Eu chupo paus por diversão” carregam um tema homossexual muito claro.

¹⁷ Leap criou o conceito de “Linguística e Línguas Lavanda”; a cor lavanda foi escolhida por em muitos países ser associada à comunidade LGBTT. O termo, conseqüentemente, é utilizado para denominar pesquisas que busquem de alguma forma analisar língua, gênero, sexualidade fugindo das binaridades hétero/homo, homem/mulher, similar à “Linguística *Queer*”

Gershon Legman (1941 apud Kulick, 2000) foi o responsável pelo primeiro glossário de palavras utilizadas por homossexuais de língua inglesa, que apareceu como apêndice final de um de seus trabalhos sobre homossexualidade (apêndice este que foi removido nas edições posteriores). A lista continha 329 palavras, das quais 139 foram identificadas como sendo usadas exclusivamente por *gays*. Doyle (1982:72 apud Kulick) em sua discussão do texto de Legman (1941 apud Kulick), nota que alguns termos como "drag", "straight" e "basket"¹⁸, não só sobreviveram, mas também passaram a ser utilizados em maior escala, enquanto que outros termos como "church mouse"¹⁹ e white-liver²⁰ podem estar extintos hoje em dia. Embora Legman (1941 apud Kulick) dê explicações detalhadas para cada termo de seu glossário, ele não acrescentou muito aos estudos sobre a fala de homossexuais. As únicas observações sobre o falar desse grupo que o autor fez foi de que os homens *gays* frequentemente trocam o masculino pelo feminino nos pronomes, e de que as lésbicas²¹ não têm um vocabulário específico muito extenso.

Devido à brevidade da discussão feita por Legman (1941 apud Kulick), Kulick afirma, então, que a primeira análise real da fala de homossexuais foi feita por Donald Cory (1951 apud Kulick), que incluiu em seu trabalho dez páginas sobre linguagem. Seu argumento principal para o que ele chamou de “‘cantargot’ homossexual” foi que os *gays* tinham uma necessidade grande de palavras que não os denotassem de maneira pejorativa. Sua discussão focava palavras que os *gays* inventaram para chamar uns aos outros, principalmente o termo "gay". Cory acreditava que palavras como "gay" eram positivas e dessa forma eles transcendiam estereótipos e, conseqüentemente, permitiam que conversas por pessoas do mesmo grupo (*gays*) fossem feitas de maneira livre e desimpedida. Por fim, Cory afirma que as gírias *gays* configuravam uma gíria atenuada, que não se desenvolveu de uma maneira natural, uma vez que podia somente ser usada em conversas secretas dentro do grupo, devido a tabus da sociedade com relação à homossexualidade.

Kulick documenta que após Cory (1951 apud Kulick) pouco foi publicado em inglês sobre a fala de *gays* até os anos 1960 quando Cory e Leroy (1963 apud Kulick) incluíram um glossário de 89 palavras como um apêndice de seu livro. Foi também nos

¹⁸ Marca dos genitais masculinos marcados na calça

¹⁹ Homens que frequentavam igrejas para paquerar os jovens

²⁰ *Gays* ou lésbicas que são completamente indiferentes ao sexo oposto

²¹ Esse trabalho não almeja analisar também a fala de lésbicas, logo os estudos analisados por Kulick que trataram exclusivamente do falar de lésbicas não serão abordados aqui.

anos 1960 que foi publicado o primeiro glossário lésbico, por Giallombardo (1966 apud Kulick).

Outra análise desenvolvida nessa época sobre as funções sociais das gírias *gays* foi feita por Sonenschein (1969 apud Kulick). Ele discutia que as gírias *gays* não tinham a ver com isolamento ou sigilo, como autores como Cory (1951 apud Kulick) tinham sugerido anteriormente. Ao invés disso, o autor acreditava que “gírias *gays* serviriam às funções comunicativas, das quais a mais importante seria reforçar a coesão do grupo e refletir interesses, problemas e necessidades em comum da população” (SONENSCHIN, 1969 *apud* KULICK, 2000 p. 250 tradução nossa)²². Essa noção de coesão de grupo proposta por Sonenschein (1969 apud Kulick) estava sendo colocada a teste ao mesmo tempo em que estava sendo desenvolvida, exemplifica Kulick (2000) ao citar Farrell (1972 apud Kulick), que analisou um questionário completado por 184 pessoas e, a partir dos resultados desse questionário, criou uma lista com 233 palavras que ele afirmou serem sensíveis aos homossexuais. Esse conceito de “os homossexuais” como um grupo fechado e delimitado foi logo em seguida muito criticado por Conrad e More (1976 apud Kulick), pois se, como sugerido por Kinsey²³, 10% da população americana fosse *gay*, haveria uma enorme variação entre os homossexuais, tornando impossível falar em "o homossexual" como uma subcultura única e homogênea.

Para refutar as conclusões de Farrell (1972 apud Kulick), os autores aplicaram um questionário contendo 15 palavras da lista criada pelo pesquisador em dois grupos distintos de alunos: um grupo de alunos *gays* e outro de alunos que se autodeclaravam heterossexuais. Foi pedido que os alunos definissem o máximo de palavras que conseguissem. Como conclusão, nem todos os *gays* conheciam todas as palavras e o conhecimento delas aumentava juntamente com a idade, e não houve nenhuma relevância estatística de diferença entre a compreensão das palavras pelos alunos *gays* e heterossexuais. Ou seja, eles afirmaram não haver base empírica para afirmar que existe uma subcultura homossexual definida pela linguagem. Este resultado obtido por Conrad e More (1976) foi depois reafirmado ainda mais incisivamente por Penélope e Wolfe (1979), que iniciam um trabalho sobre a linguagem gay e lésbica afirmando que

²² homosexual slang serves communicative functions, the most important of which is to “reinforce group cohesiveness and reflect common interests, problems, and needs of the population” (Sonenschein, 1969:289) (KULICK, 2000, p. 250)

²³ Esse número é baseado no estudo de 1948 de Alfred Kinsey chamado “Sexual behavior in the human male”, no qual ele concluiu que 10% dos homens americanos eram predominantemente homossexuais entre as idades de 16 e 55 anos.

"qualquer discussão envolvendo o uso de expressões como "comunidade *gay*", "gíria *gay*" ou "fala *gay*" está fadada a ser enganosa, porque duas dessas implicações são falsas: primeiro a de que há uma comunidade homogênea composta por lésbicas e homens *gays*, que compartilham uma cultura comum ou um sistema de valores, percepções e experiências; e segundo, que essa comunidade *gay* compartilha uma linguagem comum."(PENELOPE; WOLFE, 1979 apud KULICK, 2000. Pg. 250; tradução nossa).²⁴

Os autores já haviam anteriormente demonstrado esse repúdio a termos como "comunidade *gay*", "gíria *gay*" em um estudo anterior de Stanley²⁵ (1970 apud Kulick) que também analisava gírias *gays*. Nesse estudo, Penelope (1979 apud Kulick) distribuiu um questionário a pessoas homossexuais, no qual os participantes deviam definir 26 termos e sugerir outros dois. Tomando por base 67 questionários completos, Kulick (2000) assevera que a autora observou que as gírias *gays* não eram conhecidas por todos os *gays* e que, portanto, não poderia haver uma subcultura homogênea dos homossexuais que compartilhassem uma linguagem. O conhecimento das gírias variou de acordo com gênero e de acordo com a região em que o participante vivia, central ou rural. A pesquisadora propôs que a gíria de *gays* deveria ser constituída por um vocabulário central conhecido por homens e mulheres ao longo de grande distância geográfica, e um vocabulário periférico, conhecido principalmente por homens *gays* em grandes centros urbanos. "Penelope argumenta que o vocabulário central, consistindo de termos como "butch"²⁶, "dyke"²⁷, "one-night-stand"²⁸ e "Mary"²⁹!", são conhecidos por muitos heterossexuais, tornando essa gíria não tão eficaz como um sinal de solidariedade de grupo como as gírias de outras subculturas." (KULICK, 2000 p. 251, tradução nossa)³⁰. A autora nota, entretanto, que é o vocabulário periférico o mais interessante do ponto de vista linguístico, parcialmente porque é desconhecido pelos heterossexuais e por isso é qualificado como verdadeiro marcador de pertença ao grupo.

²⁴ "[a]ny discussion involving the use of such phrases as 'gay community,' 'gay slang,' or 'gayspeak' is bound to be misleading, because two of its implications are false: first, that there is a homogenous community composed of Lesbians and gay males, that shares a common culture or system of values goals, perceptions, and experience; and second, that this gay community shares a common language"

²⁵ Kulick (2000) nos informa que a linguista Julia Penelope escreveu utilizando os nomes Stanley, Penelope Stanley e Penelope.

²⁶ Lésbica masculinizada.

²⁷ Seria correspondente à "sapatão" em língua portuguesa.

²⁸ Sexo casual.

²⁹ Apelido usado para se referir a outro *gay*, ou *gay* afeminado.

³⁰ "Penelope argued that the core vocabulary, consisting of items such as "butch," "dyke," "one-night stand," and "Mary!," is known to many heterosexuals, thereby making it "not so effective as a sign of group solidarity as the slang of other subcultures"

Kulick ainda nos diz que, enquanto pesquisas seguindo o mesmo padrão das previamente mencionadas continuavam acontecendo, Rodger (1972) lançou seu “The Queens’ Vernacular: A gay lexicon”, dicionário de termos gays contendo 12.000 entradas, incluindo gírias que existiam em países anglófonos e, conseqüentemente, superou qualquer outra tentativa de descrição de vocábulos utilizados por *gays*. Alguns pesquisadores como Dynes (1985) e Murray (1980) criticaram o dicionário de Rodger dizendo que muitas das palavras listadas por ele, provavelmente eram meras expressões nunca antes em circulação e que por isso o dicionário não poderia ser considerado uma fonte confiável para propósitos acadêmicos. Kulick (2000), por outro lado, embora concorde com a crítica de Dynes, julga importante a discussão sobre a fala de *gays* que Rodger traz na introdução do dicionário, onde afirma que essas gírias são uma estratégia criativa de sobrevivência e defesa. No período em que o dicionário foi lançado, o movimento pela liberdade dos gays estava encaminhado, e pesquisas mostrando como gírias *gays* eram politicamente problemáticas começaram a surgir. Stanley (1974 apud Kulick), Penelope & Wolf (1979 apud Kulick), embora reconheçam que essas gírias funcionem como um elo entre os *gays*, também afirmam que as gírias *gays* são machistas, classicistas e racistas e buscam, assim como na fala masculina heterossexual, diminuir e objetificar mulheres. Também afirma que homens *gays* costumam utilizar pronomes femininos para se referir a outros *gays* ou homens heterossexuais, dizendo que quando fazem isso, até mesmo quando a mensagem é positiva, no fundo há sempre uma vontade de diminuir o outro, assim como frequentemente é feito com as mulheres na sociedade.

Como previamente comentado, até os anos 1980 o foco maior das pesquisas que buscavam analisar o falar de *gays* se limitava a uma descrição vocabular, mas elas significaram um avanço para vermos o vocabulário embutido em relações políticas, afetivas e sociais e, portanto, configurando um código linguístico no sentido mais usual da palavra (KULICK, 2000, p. 258). O autor afirma que os trabalhos que seguiram buscavam um nome para chamar esse código e elenca as seguintes possibilidades juntamente com seus representantes:

Gayspeak (Hayes 1981b, Cox & Fay 1994), lgb talk [for “lesbian/bisexual/gay” (Zwicky 1997)], Gay male language, gay and lesbian language, gay male speech (Barrett 1997:185,192,194), lesbian speech (Moonwomon-Baird 1997:203), Gay speech (Zeve 1993), lesbian language (Queen 1997:233), lavender language (Leck 1995:327, Leap 1995), gay English (Goodwin 1991), Gay English

(Leap 1996, 1997), queerspeak (Livia & Hall 1997a), e meu favorito—Faglish (Rodgers 1972:94). (KULICK, 2000, p. 258)

O primeiro volume acadêmico a ser voltado unicamente à fala de *gays* foi o livro de Chesebro (1981 apud Kulick) intitulado “Gayspeak: Gay Male and Lesbian Communication”. Embora essa obra seja mais focada na retórica, o autor buscou em alguns capítulos a generalização do que seriam verdadeiras características da fala de *gays* e lésbicas. Dentro desse conceito de Chesebro (1981 apud Kulick), Hayes (1981 apud Kulick) diz que o Gayspeak tem três funções ou dimensões: a) código secreto desenvolvido para proteção contra a exposição; b) código que permite ao usuário expressar-se de diferentes maneiras dentro da subcultura gay; c) uma fonte que pode ser usada por ativistas radicais como uma forma de politização da vida social, por exemplo, quando eles transformam termos pejorativos como “fag”³¹ ou “dyke”³² em símbolos de oposição. Darsey (1981 apud Kulick) se opunha a essas funções delimitadas por Hayes (1981 apud Kulick), pois dizia que nenhuma delas era uma característica exclusiva de falantes gays, inclusive porque o *gay* pode usar estrutura X mas isso não faz da estrutura X uma estrutura exclusivamente *gay*. A partir da compreensão do trabalho de Darsey (1981 apud Kulick), Kulick (2000) percebe que qualquer discussão que queira fazer afirmações sobre a fala de gays e lésbicas deve seguir três passos: 1) deve documentar a fala de gays e lésbicas de maneira empírica; 2) precisa estabelecer que formas de utilizar a linguagem sejam unicamente gays e lésbicas; 3) deve, em algum momento definir a quem os conceitos “gay” e “lésbica” se referem.

Antes e até mesmo depois de Chesebro (1981 apud Kulick), pesquisas sobre o falar *gay* foram desenvolvidas, buscando seguir o terceiro passo acima descrito, somente com indivíduos que se auto declaravam *gays*, afirmando que se houvesse tal coisa como “fala *gay*” ela apareceria nesses contextos. Kulick (2000) mostra que os resultados dessas pesquisas se mostraram inconclusivos, porque tematizavam somente entonação e *pitch*, por exemplo.

Gaudio (1994 apud Kulick) gravou oito homens (quatro gays, quatro não-gays, todos universitários e todos, menos um, brancos.) lendo duas passagens: uma de um texto não fictício sobre contabilidade e um excerto da peça *Torch Song Trilogy* de Harvey Feirstein. Ele tocou excertos de 15 segundos dessas leituras para 13 ouvintes (10 mulheres, 3 homens, todos alunos sem graduação). Os ouvintes foram informados

³¹ Termo em inglês que seria referente à “viado” em português.

³² Termo em inglês que seria referente à “sapatão” em português.

que o estudo se tratava da fala de homens gays, e foi pedido a eles que classificassem os leitores como "gay/heterossexual", "reservado/emocional", "masculino/feminino", e "comum/afetado". Gaudio percebeu, ao analisar os dados, que os ouvintes classificaram os leitores corretamente de acordo com sua orientação sexual em todos os casos, com exceção de somente um. Com a finalidade de entender o porquê desse alto grau de acertos, Gaudio testou seus dados fazendo correlações entre a sexualidade do leitor e seu alcance de *pitch* (alcance entre o som mais alto e mais baixo que eles fariam) e a variação de *pitch* (se falavam consistentemente numa voz alta e baixa ou se oscilavam entre eles). Gaudio teve alguma indicação de que falantes *gays* faziam uso de maior alcance de *pitch* do que os heterossexuais, mas tal diferença não se mostrou estatisticamente significativa e só se aplicava às leituras feitas do texto de não ficção.

Moonwomon-Baird [1997(1985) apud Kulick] fez o mesmo que Gaudio (1994 apud Kulick) só que com lésbicas, e obteve resultados diferentes. No trabalho de Gaudio, os ouvintes acertaram quase 100% a sexualidade do falante; já no de Moonwomon-Baird (1985 apud Kulick) os acertos foram menos da metade. Essas duas pesquisas, logo, não se mostram muito representativas do que seria um "soar *gay* ou lésbico", pois mesmo em Gaudio, onde a porcentagem de acertos foi muito alta, não ficou claro exatamente o que estava sendo identificado como *gay* ou lésbico.

Outro autor que dedicou, e dedica, seu trabalho a fala de *gays* e lésbicas é William Leap (1990, 1995, 1996, 1998 apud Kulick). O trabalho de Leap, diz Kulick, representa talvez o maior e mais compreensivo corpo de estudos sobre o assunto, sendo ele mesmo uma figura líder no estudo da fala de *gays* e lésbicas, tendo fundado a "Conferência Anual de Línguas e Linguística Lavanda"³³ na American University em Washington, DC. Assim como Hayes, Leap afirma que "Inglês *gay*"³⁴ (termo cunhado pelo próprio Leap) serve a duas funções principais: uma de sigilo e a outra social. Ele nomeia a função de sigilo como "língua de risco" e explica que essa linguagem consiste em eufemismos, palavras código que assinalam a sexualidade *gay* do falante e que certifica, confirma, a sexualidade de outros homens em situações onde a pergunta "você é *gay*?" poderia não ser apropriada ou até mesmo perigosa. Já a função social seria a de discurso cooperativo, como chamou Leap, que seria caracterizado por "estilos de interação negociados cuidadosamente, o uso de um imaginário descritivo e metafórico, estratégias inferidas e uma gama de técnicas adicionais garantindo ao ouvinte - assim

³³ Lavender Languages and Linguistics Conference

³⁴ Gay English

como ao falante- envolvimento em toda interação."³⁵ (LEAP, 1996 *apud* KULICK, 2000, p. 264).

Kulick (2000) pontua que o trabalho de Leap sobre "Inglês *gay*" é uma espécie de culminação das pesquisas a respeito do falar *gay* e lésbico das duas décadas anteriores, quando as pesquisas, como mostrado ao longo dessa revisão bibliográfica levantada por Kulick, buscaram ir realmente além do que somente construir listas de vocábulos utilizados por essa comunidade, embora tenham sido desenvolvidas com pouca base teórica em áreas relevantes da linguística. Kulick exemplifica essa afirmação, ao lembrar que os trabalhos de Hayes e Leap mencionam o termo "variação" e discutem diferentes funções da fala *gay*, porém não se voltam a conceitos-chaves da sociolinguística como "variação", "registro" e "contexto" em suas análises.

Pesquisas desenvolvidas posteriormente sobre a fala de *gays* e lésbicas, segundo Kulick, começaram a criticar as suposições anteriores, como, por exemplo, a ideia de que uma comunidade de fala homogênea de *gays* e lésbicas realmente exista, e também a mudar o foco de estudo do "ser *queer*" para o "tornar-se performaticamente *queer*", ou seja materializando sua sexualidade através do uso da linguagem.

Kulick aponta que Barrett (1995,1997 *apud* Kulick) é um dos autores que criticam a ideia de "comunidade de fala *gay* e lésbica" e busca na noção de "língua de contato" um ponto de partida para a formação de uma linguística da fala de *gays* e lésbicas. Barrett (1995 *apud* Kulick) em sua própria pesquisa analisou a fala de *drag queens* afro-americanas que se apresentavam em um bar do Texas. O foco de seu trabalho é como essas *drag queens* expressam esse "ser *queer*". Ele percebe que elas não usam do *pitch* alto ou de escolhas lexicais, mas sim de uma alternância habilidosa entre estilos linguísticos que são estereótipos de outras identidades, como a de mulheres brancas ou de homens afro-americanos. Outro estudo que Kulick (2000) retoma e que segue essa linha é o de Queen (1997 *apud* Kulick) mostrando que lésbicas podem indiciar sua sexualidade e são capazes de identificarem umas às outras através de combinações de estilos linguísticos diferentes. A autora identificou quatro tipos de estilo que as lésbicas usam para construir o "ser lésbica". Elas, assim como as *drag queens*, utilizam de estereótipos já presentes na sociedade como a linguagem da mulher

³⁵ "carefully negotiated styles of turn taking, the use of descriptive imagery and metaphor, inference strategies, and a range of additional techniques ensuring listener - as well as speaker - involvement in each exchange" (LEAP, 1996 *apud* KULICK, 2000)

estereotipada, linguagem estereotipada de trabalhadores urbanos da classe média, fala estereotipada de homens *gays* e fala estereotipada de lésbicas.

Enquanto Barrett e Queen, insatisfeitos com as pesquisas desenvolvidas anteriormente sobre o falar *gay*, buscavam analisar essa fala tendo como pressuposto a ideia de linguística de contato, Livia & Hall (1977 apud Kulick), igualmente descontentes com a literatura em questão até o momento, adotaram, para analisar a fala de *gays* e lésbicas, o conceito de performatividade, ou seja, o falante não simplesmente “seria” gay, mas tornar-se-ia performativamente *gay* através do modo de se portar e através de formas diferentes de usar a linguagem.

Kulick termina sua extensa revisão sobre obras que trataram do falar *gay* e lésbico até aquele momento e revela a sua verdadeira intenção ao fazê-la. Ele propõe que as pesquisas que virão a seguir não devem mais seguir o modelo baseado na cultura que foi seguido por todos os autores que ele citou, e afirma que as pesquisas que têm por objetivo analisar tal fala devem seguir um modelo baseado no desejo, ou seja esses estudos devem se pautar em “linguagem e desejo”.

Todos esses trabalhos apontados por Kulick que atentavam à linguagem e sexualidade examinaram tipicamente pessoas que se auto identificavam como heterossexuais, *gays* ou lésbicas. Ele também discute que não há uma relação de um para um entre variáveis linguísticas e identidade *gay*, pois todas essas variáveis que pareceram indicar a homossexualidade do falante são divididas com outros falantes que não são necessariamente *gays*. O autor pontua que nenhum uso *gay* ou lésbico na fala é adquirido em casa, mas sim na vida futura do indivíduo, ele vai à busca de sua própria identidade e adota uma linguagem associada a essa identidade. Ou seja, o que é particularmente *gay* na fala de *gays* não são os elementos de linguagem por si sós, mas as maneiras em que esses elementos são colocados juntos buscando expressar uma determinada identidade.

Todos os trabalhos expostos por Kulick (2000) e acima mencionados foram desenvolvidos sobre e em língua inglesa, fato esse que já foi anteriormente pontuado aqui. Em seguida, buscaremos sintetizar alguns estudos em língua portuguesa com que tive contato e que tinham por objetivo o falar de homens *gays*.

Silva (1959) escreveu o que se acredita ser o primeiro estudo sociológico que tematizou a homossexualidade na cidade de São Paulo. Embora os interesses de Barbosa da Silva não fossem de cunho linguístico (o pesquisador buscou analisar a formação da identidade do grupo *gay* na cidade de São Paulo), ele nota que mesmo que,

por exemplo, dois indivíduos que não se conheçam, mas sejam pertencentes ao mesmo grupo, são capazes de identificar-se por “particularidades de comportamento” como “gestos, **maneira de falar** ou andar, companhias preferenciais, roupas que usam, fatos, objetos e situações que atraem a atenção” (SILVA, 1959 – grifo nosso). Esse último fato nos mostra no início da percepção da criação de uma possível identidade do grupo *gay* na cidade de São Paulo, que há muito se percebe a existência de “alguma coisa” no modo de falar do homossexual que demarque o seu “ser gay”.

Assim como em língua inglesa, esteve, e talvez ainda esteja, na preocupação de pesquisadores da fala de *gays* no Brasil fazer um levantamento lexicográfico de palavras que sejam utilizadas exclusivamente por *gays*. A primeira publicação desse tipo se deu em 1993, quando a Associação de Travestis e Liberados (Astral) editou o "Diálogo de Bonecas"³⁶, dicionário de bolso com 480 vocábulos de uso corrente entre homossexuais masculinos e femininos e travestis. Em 1995, foi publicado o "Guia Brasileiro de Gays e Lésbicas", um manual, escrito por Raimundo Pereira, vice-presidente do Atobá - Movimento de Emancipação Homossexual - que reunia 180 expressões do “mundo” *gay*, recolhidas em todos os Estados. Esse manual teve uma segunda edição, que ampliou o glossário para 390 termos. No ano de 1996, o jornalista baiano Orocil Pedreira Santos Jr. publicou o que seria até o momento o mais extenso dicionário de termos homossexuais, o “Bichonário”, contendo 750 verbetes usados exclusivamente por *gays*, *lésbicas*, *michês* e *travestis* de Salvador. O autor buscou com esse levantamento compreender por que os homossexuais criam uma linguagem específica. O autor chegou a conclusões muito parecidas com aquelas em língua inglesa como, por exemplo, a de Chesebro (1981 apud Kulick), que sugeriu que o “dialetto *gay*” advém de três motivações:

tornar imediata a identificação entre os *gays*, o que lhes possibilita estreitar rapidamente laços de solidariedade; evitar que os homossexuais sejam compreendidos por "inimigos" em situações de perigo como, por exemplo, as batidas policiais nos redutos de travestis; servir de válvula de escape para as pressões cotidianas.³⁷

Não foi possível, no entanto, ter acesso direto a essas obras. Mesmo depois de extensa busca por elas, encontramos apenas textos que discorriam a respeito delas.

A próxima obra de que temos conhecimento, e acesso, que buscou esse levantamento lexicográfico foi publicada somente dez anos depois, em 2006, quando foi

³⁶ Travesti lança dicionário. Folha de São Paulo, 22 de junho de 1995.

³⁷ Dicionário de termos gays gera controvérsia. Folha de São Paulo, 08 de janeiro de 1997, p. 21.

lançado o dicionário “Aurélia: a dicionária da língua afiada”, que assim como o “Queens Vernacular” para a língua inglesa, representa o maior glossário de gírias *gays* em países lusófonos, com especial destaque para o Brasil, contendo 143 páginas e 1.300 verbetes, todos descritos como em um dicionário tradicional. O dicionário foi publicado pela Editora da Bispa e escrito por Ângelo Vip³⁸ e Fred Libi³⁹. Vip, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, explica que ele e Libi iniciaram o trabalho com amigos e amigas em volta do Brasil e através de entrevistas com travestis. Assim como em “Diálogo de Bonecas”, as travestis ajudaram muito com a significação de palavras do Pajubá, que representa uma linguagem popular constituída de várias línguas africanas e usada inicialmente no candomblé e depois pelas travestis, como uma espécie de código.

Embora essas obras tenham, no seu geral, um ar mais jocoso e não tão científico (com exceção do “Bichonário” onde o autor tentou, mesmo que brevemente, fazer uma análise da significação social dos usos dessas gírias), elas despertaram a curiosidade de pesquisadores brasileiros a respeito desses termos, especialmente nos termos derivados do Pajubá que transcenderam a fala das travestis e passaram a ser utilizadas por uma parcela maior de *gays*.

A partir do nosso contato com a comunidade *gay*, pudemos notar que palavras como “aquenda” (tomar cuidado), “picumã” (cabelo), “edi” (ânus), “padê” (cocaína) passaram a ser mais frequentemente usadas por *gays*. Porém, como nenhum dos estudos posteriores aos dicionários anteriormente detalhados buscava analisar esses termos juntamente com sua significação social, não os discutiremos.

Outras pesquisas, no entanto, buscaram analisar a fala de *gays* além das gírias já conhecidas por serem utilizadas pelo grupo. Mendes (2012b) entrevistou 107 paulistanos (homens e mulheres de diferentes classes sociais, idades, orientações sexuais) a quem perguntava, logo de início, “que tipo de ‘coisa’ chama a sua atenção, quando você ouve um homem falando, no sentido de fazer você pensar que ele possa ser *gay*?”. Após a resposta dessa pergunta, Mendes apresentou aos informantes cinco leituras de um mesmo texto feitas por cinco homens diferentes e pediu que os entrevistados dessem a nota de 1 a 5 a elas, sendo a nota 1 para a leitura que soasse “menos *gay*” e a nota cinco para a leitura que soasse “mais *gay*”. Além disso, após escutar as gravações e avaliá-las, os entrevistados puderam justificar suas avaliações. Uma das justificativas mais recorrentes dadas pelos entrevistados foi a de que homens

³⁸ Codinome do jornalista Vitor Ângelo

³⁹ Também é um codinome, mas o autor prefere não revelar seu nome verdadeiro

gays e mulheres parecem fazer uso de diminutivos em demasia. Essa justificativa, porém, não foi feita baseada nas leituras, uma vez que elas não apresentavam o emprego de diminutivo, mas sim com base em percepções e avaliações de natureza sociolinguística que os entrevistados trouxeram de suas próprias vidas. Essa se torna, portanto, a hipótese que Mendes se propõe a analisar, e o faz através de novas entrevistas, visando a identificar a frequência de uso de diminutivos na fala de homens heterossexuais, mulheres heterossexuais, homens *gays* e mulheres lésbicas.

Com os resultados de seu trabalho, Mendes (2012b) nos mostra que há sim uma forte correlação entre categorias de sexo/gênero e usos do diminutivo no português paulistano. Considera ainda que homens heterossexuais e algumas mulheres lésbicas possam evitar certos diminutivos, a fim de indiciar masculinidade. Com isso, podemos verificar que variantes linguísticas não apenas caracterizam a linguagem de certo grupo social, mas também podem ser usadas por indivíduos que queiram indicar sua afiliação ou exclusão de uma determinada comunidade, demonstrando, portanto, que algumas formas linguísticas funcionam como índices de fatos sociais.

O estudo da *indexicalidade* desses usos linguísticos já foi feito por Trudgill (1974), Milroy (1980), por Bell (1984) e, mais atualmente, por Gonçalves (2003). Esse último será detalhado, aqui, por ser menos conhecido e por mais se aproximar à análise que é proposta por esse projeto de pesquisa, uma vez que ele busca estudar a função *indexical* do uso de adjetivos com derivação de grau superlativo.

A derivação de grau superlativo dos adjetivos no português brasileiro se dá morfologicamente através dos afixos de grau (-íssimo; -érrimo; -ésimo). Dessa forma, podemos verificar que a intensificação revela ainda um relacionamento entre Morfologia e Pragmática, já que formas como *chiquérrimo*, *lindíssimo*, *bacanérrimo* servem como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do falante frente à audiência (Dressler & Kiefer *apud* Gonçalves, 2003).

Gonçalves (2003) ainda afirma que formas sufixadas em -íssimo, -érrimo e -ésimo têm, além de função semântica e discursiva, a função *indexical* e que, dessa maneira, o falante não só revelaria seu parecer sobre o que diz, como também seria revelado pelas formas que produz, mostrando, através desses processos morfológicos, traços de sua identificação sociocultural. Gonçalves (2003) também mostra, com seu trabalho, que o uso feito por falantes do sexo masculino de adjetivos com derivação de grau superlativo é, muitas vezes, considerado como uma marca *gay*, *efeminada* de se falar, o que indicaria uma possível marca de gênero na fala dos homens *gays* falantes do

português do Brasil. Gonçalves (2003), porém, refere-se ao que chama de “fala *gay*”, com base na fala estereotipada de pessoas com essa característica. Além disso, o autor também faz sua análise sem levar em conta a fala de homens *gays*, propriamente ditos, mas da percepção que homens heterossexuais, que representam um grupo dominante na sociedade, têm da fala de um grupo minoritário, como o grupo de *gays*. Não consideramos esse olhar como a maneira mais adequada de se tratar desse assunto, pois o grupo dominante sempre vai caracterizar o grupo minoritário com base em seus estereótipos e com apelo à comicidade. Por mais que eles possam identificar alguns traços, esses são sempre estereotipados. Neste trabalho, buscamos, através de entrevistas sociolinguísticas, verificar se a percepção sobre o uso de superlativos por homens *gays* estaria correta ou se, de fato, trata-se de um estereótipo. Pautamos a nossa análise que vem apresentada na seção 4, portanto, na noção de *design* da audiência (Bell, 1984) e também nos estudos de terceira onda, como chamou Eckert (2012), que objetivam os significados sociais das variáveis, associando o estilo diretamente à construção da identidade do falante.

1.5. Da escolha do fenômeno

1.5.1. O adjetivo no português

Cunha e Cintra (2013, p.259) definem o adjetivo como sendo “essencialmente um modificador do substantivo”, tendo duas finalidades. A primeira é de caracterizar os substantivos, podendo indicar-lhes uma qualidade (ou defeito), um modo de ser, o aspecto ou aparência e o estado, exemplificados de (11) a (14), respectivamente:

11. inteligência **lúcida**; homem **perverso**
 12. pessoa **simples**; rapaz **delicado**
 13. céu **azul**; vidro **fosco**
 14. casa **arruinada**; laranjeira **florida**
- (CUNHA; CINTRA, 2013, p.259)

A segunda finalidade dos adjetivos de acordo com os autores é de estabelecer uma relação de tempo, espaço, matéria, finalidade, propriedade, procedência, etc., e são chamados pelos autores de adjetivos de relação, como de (15) a (18):

15. nota **mensal** – nota relativa ao mês
 16. movimento **estudantil** – movimento feito por estudantes
 17. casa **paterna** – casa onde habitam os pais
 18. vinho **português** – vinho proveniente de Portugal
- (CUNHA; CINTRA, 2013, p.259)

Os autores ainda afirmam que esses segundos são de natureza classificatória, utilizados para precisar o significado do substantivo e, dessa maneira, restringem a extensão de seu conceito, não sendo passíveis de graus de intensidade e vindos, em sua maioria, pospostos ao substantivo e alterando o valor de sentido quando vindo anteposto (CUNHA; CINTRA, 2013).

A respeito da flexão dos adjetivos, Cunha e Cintra (2013) afirmam que os adjetivos podem se flexionar em número, podendo ser plural ou singular; em gênero, assumindo o gênero do substantivo quando não for um adjetivo uniforme; e grau⁴⁰, que será mais detalhado em 1.4.2.

São duas as funções sintáticas do adjetivo, de acordo com Cunha e Cintra (2013), a de adjunto adnominal e de predicativo. A primeira se dá a partir da relação sem intermédio do adjetivo com o substantivo, como em:

19. A menina **bonita** dança balé.

Nesse caso, os autores atestam que o adjetivo está desempenhando a função sintática acessória, pois, caso retirado da frase, esta permanece com sentido. Já a segunda função, a predicativa, acontece a partir da relação do adjetivo com o substantivo por intermédio de um verbo, como em (20):

20. A menina é **bonita**.

Aqui, Cunha e Cintra (2013) afirmam que o adjetivo é termo essencial da oração, pois se retirado perdemos o sentido da frase.

Os autores ainda falam a respeito do valor estilístico dos adjetivos com função de adjunto adnominal no que diz respeito a sua posição com relação ao substantivo. Os adjetivos adjuntos adnominais aparecem com maior frequência pospostos ao substantivo, porém a língua portuguesa também permite que alguns deles apareçam antepostos ao substantivo. Essa anteposição, portanto, pode fazer com que o adjetivo assumam um valor subjetivo, um sentido figurado. Exemplificando:

21. um **grande** homem [= grandeza figurada]

22. um homem **grande** [= grandeza material]

(CUNHA; CINTRA, 2013, p. 281)

Bechara (2009, p.142), por sua vez, descreve o adjetivo como sendo a “classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado”. Para o autor essa delimitação pode ocorrer de

⁴⁰ Lembrando que, de acordo com Cunha e Cintra (2013), os adjetivos de relação e outros do tipo classificatório, como os referentes a terminologias científicas, não aceitam intensificação.

três diferentes maneiras: a de explicação; de especialização; e de especificação. Esses três diferentes tipos de delimitação correspondem a três tipos de adjetivos: 1) os explicadores; 2) os especializadores; 3) especificadores.

Os adjetivos pertencentes a (1), de acordo com Bechara (2009, p.143), “destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado”. Para ilustrar esse tipo de adjetivos o autor fornece os seguintes exemplos:

- 23. o **vasto** oceano
 - 24. As **líquidas** lágrimas
- (BECHARA, 2009, p.143)

“Ser vasto” e “ser líquidas” são características inerentes de oceano e lágrimas, respectivamente.

Já os adjetivos especializadores, “marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo, sem opô-lo a outras determináveis” (p.143), como ilustrados nos exemplos a seguir:

- 25. a vida **inteira**
 - 26. o sol **matutino**
- (BECHARA, 2009, p.143)

Por fim, os especificadores, (3), são aqueles que “restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado” (p.143):

- 27. castelo **medieval**
 - 28. menino **louro**
- (BECHARA, 2009, p.143)

Além desses três tipos de adjetivos distintivos, o autor ainda pontua a existência de outra forma de especialização, a especialização identificadora. Para o autor, ela consiste na “especificação do significado de uma forma “multívoca” para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual” (BECHARA, 2009, p.143). São exemplos de determinação identificadora:

- 29. folha **de papel**
 - 30. quadro **de parede**
- (BECHARA, 2009, p.143)

No que diz respeito à flexão dos adjetivos, Bechara (2009) difere de Cunha e Cintra (2013), pois afirma que os adjetivos se flexionam somente em número e gênero, considerando que o grau dos adjetivos se dá por procedimentos sintáticos ou através de

sufixos derivacionais. Lembramos que uma distinção maior entre flexão e derivação será feita em 1.4.2.

Neves (2000, p.173) por sua vez em sua *Gramática de Usos do Português*, define o adjetivo como sendo “usado para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades)” e apresenta uma explicação muito mais detalhada do que aquelas apresentadas por Cunha e Cintra (2013) e Bechara (2009) dessa classe de palavras. A autora afirma que essa atribuição pode ser feita de duas maneiras: qualificando e subcategorizando, exemplificadas a seguir em (31) e (32), respectivamente:

31. Lembro-me de alguns, Dr. Cincinato Richter, homem **GRANDE**, **GENTIL** e **SORRIDENTE**, que às vezes trazia seu filhinho Roberto e a esposa, moça **BONITA** e **SIMPÁTICA**. (ANA)
32. Foi providenciada perícia **MÉDICA** e estudo **PSICOLÓGICO**. (ESP)

(NEVES, 2000, p.173)

Dessa forma, os adjetivos qualificadores seriam aqueles que atribuem uma característica mais ou menos subjetiva ao substantivo que acompanha, porém sempre revestida de vaguidade (NEVES, 2000). A autora afirma que são adjetivos qualificadores: **a)** todos os adjetivos com prefixos negativos (desagradável, descrente, imaturo, etc.); **b)** todos os adjetivos terminados por sufixos que formam derivados de verbos, como –do/-to e –nte (petrificada, aberto, reluzente, etc.); **c)** os que aceitam graduação (mais bonita, menos bonita, etc.) ou dão ideia de abundância de qualidade com os sufixos –oso, -udo e –ucha (barrigudo, gorducha, gostoso, etc.); **d)** os que são intensificáveis (muito grande, bem cheio, bonito demais, etc.), com os prefixos intensificadores (hipervazio, super-simplificadas, etc.) e com os sufixos superlativo e diminutivo com valor de intensificação (fraquíssimo, limpinha, pequenininho, etc.) (NEVES, 2000).

Com relação aos valores semânticos dos adjetivos qualificadores, Neves (2000) assevera que eles podem ser: **a)** de modalização: a1) epistêmica, quando exprimem a opinião do falante, e pode ser de certeza ou asseveração (é óbvio, é claro, evidente, etc.) e de eventualidade (é possível, é provável), a2) deôntica, quando exprimem consideração, por parte do falante, de necessidade por obrigatoriedade (é necessário, é obrigatório); **b)** de avaliação: b1) psicológica, quando os adjetivos qualificam o substantivo na sua relação com o falante, b2) de propriedades intencionais, quando descrevem o substantivo em qualidade, quando são eufóricos (qualidades boas), disfóricos (qualidades negativas) ou neutros, e em quantidade, neutros em sua maioria,

sendo que esse segundo indica dimensão ou medida para substantivos concretos e intensificação, atenuação e definição para os substantivos abstratos; b3) avaliação de termos linguísticos, quando os adjetivos predicam o próprio substantivo utilizado e podem ser de autentificação e de relativização. (NEVES, 2000, p.188-192)

Diferentemente dos adjetivos qualificadores, os adjetivos classificadores são aqueles que possuem um caráter não-vago (NEVES, 2000). Logo, a autora afirma que são classificatórios: a) os adjetivos com prefixos numéricos (unicelular, monocromático); b) os derivados de nomes próprios (nietzschiano, machadiano, laboviano); c) os podem expressar noções adverbiais de delimitação ou circunscrição, de localização no espaço, localização no tempo, quantidade de tempo transcorrido, substituição no tempo, e aspecto.

A autora afirma, porém, que existem adjetivos classificadores que, quando usados metaforicamente e sendo passíveis de anteposição, podem passar a ser qualificadores, como:

33. Desconhecido olhava a cena tomado dum **SUBTERRÂNEO** temor.

(NEVES, 2000, p.1990)

Os classificadores também podem, exprimindo diferentes efeitos de sentido, receber gradação ou intensificação:

34. Marisaura, de sapato baixo, grosseiro, num vestido claro, simples e não muito **FEMININO**, olha concentradamente através da janela. (GCC).

(NEVES, 2000, p.199)

No que concerne a função sintática do adjetivo, Neves (2000), assim como Cunha e Cintra (2013), afirma que os adjetivos podem ter a função de adjunto adnominal e de predicativo. A autora, porém, acrescenta três outras funções não contempladas nas gramáticas supracitadas: a função de argumento, quando o adjetivo exprime o que seria um complemento do substantivo, ou seja, quando é um complemento nominal, a função apositiva, e funções próprias de substantivos, quando passa a ser usado no núcleo do sintagma nominal. Tais funções estão exemplificadas, respectivamente, como segue:

35. Livre navegação dos afluentes do rio Amazonas aos barcos de propriedade **BOLIVIANA**.

36. Viu o cano, **RELUZENTE**, parecia de prata.

37. Em geral as **BONITAS** acumulam funções, dividindo-se entre o escritório e a cama subsidiária do patrão.

(NEVES, 2000, p. 183).

Com relação à posição do adjetivo, a autora afirma que os adjetivos qualificadores usados como adjuntos adnominais podem vir pospostos ou antepostos ao substantivo. A posição posposta é a mais frequente e menos marcada e a anteposta é mais marcada. Neves (2000, p.203) assevera que “em geral, a anteposição do adjetivo cria ou reforça o caráter avaliativo – mais subjetivo – de qualificação”, ou seja, “a anteposição marca a interveniência de uma avaliação subjetiva do falante na qualificação efetuada”.

Castilho (2010, p.511), por seu turno, inicia o seu capítulo acerca de adjetivos com a afirmação de que a gramática latina não distinguia adjetivos de substantivos, reunindo-os sob a denominação de “nome”, uma vez que adjetivo e substantivo compartilham as propriedades morfológicas de gênero e número. No entanto, Castilho (2010) afirma que os gramáticos das línguas românicas passaram a tratar o adjetivo como sendo diferente do substantivo tendo por premissa os seguintes argumentos: (a) o adjetivo aceita derivação de grau, expressa pelos sufixos -íssimo, -érrimo, -ímo, por exemplo, e por terminações que são vestígios do latim como em “menor”, “melhor”; ou por especificadores e complementadores: “mais + Adj + do que + X”, “tão + Adj + como X”, “o mais + Adj + dos X”; (b) o fato de os adjetivos poderem ser criados por derivação de modo, expressa por [-vel], como em amável; ou a derivação por [-mente], formando advérbios; e ainda a derivação por quantificação expressa por [-oso, -al]. Esses argumentos, todos de embasamento morfológico, distinguem, segundo o autor, a categoria dos adjetivos, uma vez que nenhum deles pode ser aplicado à categoria dos substantivos (CASTILHO, 2010).

Em seguida, Castilho (2010) traz alguns aspectos sintáticos para definir a categoria dos adjetivos e, citando Quirk *et al* (1985 apud CASTILHO, 2010), destaca que:

"são adjetivos as expressões que (i) ocorrem na função atributiva, como constituintes de um sintagma nominal, como em [um livro caro]; (ii) ocorrem na função predicativa, como constituintes de sintagma verbal, como em [o livro é caro]; (iii) podem ser pré-modificados pelo intensificador muito, como em [um livro muito caro]; e finalmente, (iv) podem assumir formas comparativas e superlativas, como em [um livro mais caro que um caderno], [livro caríssimo]". (CASTILHO, 2010. pg.512)

A partir disso, Castilho (2010) mostra que a predicação é um traço relevante para a postulação do estatuto categorial dos adjetivos e os distingue, portanto, como: (a) adjetivos predicativos, que predicam o substantivo ou toda uma sentença e que exibem derivação de grau, concordando em gênero e número com o substantivo a que se aplicam; e (b) adjetivos não predicativos, que classificam o referente dos substantivos. (38) diz respeito a um adjetivo predicativo, enquanto (39) mostra um adjetivo não-predicativo:

38. quadros lindos. – quadros muito lindos; - quadros lindíssimos.
39. jornal mensal. -*jornal muito mensal; *jornal mensálíssimo.

O autor ainda afirma que a classe dos adjetivos é praticamente predicadora, seja como adjunto adnominal quando constituir o sintagma nominal ou como predicativo quando constituinte do sintagma verbal (CASTILHO, 2010).

Em suma, são quatro as funções sintáticas do adjetivo de acordo com o autor: a) funciona como adjunto adnominal, no interior do sintagma nominal; b) funciona como núcleo de minissentença, no interior do sintagma verbal; c) funciona como adjunto adverbial, fora da sentença; d) dispõe de propriedades de transitividade, concordância e colocação (CASTILHO, 2010, p.517).

Com relação à colocação dos adjetivos, o autor afirma que esse pode ser um critério que permite ainda: a) a divisão dos adjetivos em duas categorias (a dos adjetivos de ordem livre e a dos adjetivos de ordem presa); b) efeitos de sentidos variados que ocorrem como decorrência de sua posição em uma sentença. A respeito da primeira afirmação, o autor nota que os adjetivos predicativos possuem uma liberdade de colocação muito grande enquanto que os adjetivos não-predicativos possuem uma regra mais rígida a respeito de sua colocação.

O autor frisa que a posição posposta é menos marcada e que a anteposição pode carregar valores estilísticos variados fazendo com que o adjetivo tenha uma natureza mais avaliativa, revelando, assim, características do falante.

Em seguida, Castilho (2010), apresenta os valores semânticos dos adjetivos e divide os predicativos entre modalizadores, qualificadores e quantificadores, e chama os não-predicativos de adjetivos de verificação, podendo ser estes classificadores, pátrios, gentílicos e de cor.

Os modalizadores transmitem uma avaliação pessoal do falante e podem ser epistêmicos que conferem uma avaliação sobre o referente do substantivo e podem gerar

uma certeza (O **verdadeiro** sentido da vida.) ou uma incerteza (Uma causa **provável** do acidente foi embriaguez); deônticos, quando o adjetivo configura algo necessário ao substantivo (O curso **necessário** para esse trabalho é de Linguística); e os modalizadores discursivos, que representam um juízo de sentido da parte do falante com relação ao substantivo (Aquele cadeira é **confortável**) (CASTILHO, 2010).

Já os adjetivos qualificadores, de acordo com o autor, “interferem nas propriedades intensionais do substantivo, alterando-as de forma a agregar traços” (CASTILHO, 2010, p.526). Eles podem ser polares, quando se ordenam em pares que se opõem (bonito/feio, limpo/sujo); de dimensão (alto, largo, comprido); graduadores, podendo ser intensificadores (carro **enorme**, festa **incrível**) ou atenuadores (carro **pequeno**, casa **modesta**); e aspectualizadores imperfectivos (sofreu uma queda **lenta**) ou perfectivo (provocou um interesse **momentâneo**) (CASTILHO, 2010).

Os adjetivos quantificadores são aqueles que alteram a extensão do substantivo e podem ser aspectualizadores iterativos, operando por adição, ou delimitadores, operando por subtração. Os primeiros caracterizam o estado que os substantivos descrevem [“Não havia mais o trabalho **normal** da cidade né?” (CASTILHO, 2010, p.529, grifo do autor)], assemelhando-se a advérbios aspectualizadores [“ao sábados, **normalmente** não se trabalha na cidade... né?” (CASTILHO, 2010, p.529, grifo do autor)]. Os segundos, delimitadores, de acordo com Castilho (2010, p.530), oferecem “ao ouvinte instruções sobre como entender o referente codificado no substantivo” e podem ser específicos, instruindo ao ouvinte que entenda o substantivo de maneira literal, não permitindo subjetividades [“A filosofia grega foi um dos componentes **essenciais** do cristianismo” (CASTILHO, 2010, p.530, grifo do autor)]; genéricos, que implicam uma compreensão mais metafórica [“Há uma **relativa** esperança de que as coisas melhorem” (CASTILHO, 2010, p.530) grifo do autor]; e os delimitadores de domínio, levando a interpretação pelo ponto de vista ou área científica [Tem uma palavra... vamos dizer... eh... **literária** pra dizer ordenha do gado” (CASTILHO, 2010, p. 531, grifo do autor)].

Já os adjetivos de verificação (ou não-predicativos), como sugere o nome, estabelecem e reafirmam o valor de verdade do substantivo e operam de quatro diferentes maneiras: como classificadores, que são itens como assembleia **legislativa**, casamento **religioso**, etc.; pátrios como africanos, asiáticos, londrinos, etc.; gentílicos como indígenas, amarelos, brancos, etc., quando aplicados à raças e povos; de cor,

quando designam uma cor ao substantivo, mas não são predicativos como em “se é peixe a gente usa vinho **branco**” (CASTILHO, 2010, p.533, grifo do autor).

Por fim, Castilho (2010) descreve os adjetivos dêíticos que, por sua vez, podem ser locativos e temporais. Os locativos são adjetivos como “próximo, remoto, distante, fronteiro, serrano, praieiro, ribeirinho, etc.” (CASTILHO, 2010, p. 534). Já os temporais são os adjetivos do tipo “atual, semanal, hodierno, precedente, passado” (CASTILHO, 2010, p. 534) etc.

Como nosso objeto de estudo são adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético, faremos a seleção dos adjetivos nos pautando nas noções de adjetivos predicativos (CASTILHO, 2010) e qualificadores (NEVES, 2000) por serem esses, de acordo com os autores, os adjetivos passíveis de intensificação.

Na seção seguinte aprofundaremos a descrição do grau dos adjetivos, tomando por foco especialmente o grau superlativo e também discutiremos a respeito dos processos morfológicos de flexão e derivação.

1.5.2. O superlativo de adjetivos no português

Nesta subseção buscaremos sintetizar como as gramáticas tratam o grau dos adjetivos.

Cunha e Cintra (2013), como já comentado em 1.4.1, afirmam que os adjetivos flexionam em número, gênero e grau. Com relação ao grau, os autores explicam que ele pode ser expresso por processos sintáticos ou morfológicos e dividem a gradação de adjetivos em dois tipos: comparativo e superlativo.

O comparativo pode indicar se um ser possui uma qualidade superior, igual ou inferior a outro e pode também comparar qualidades diferentes de um único ser (CUNHA; CINTRA, 2013), existindo assim três tipos de comparação: a de superioridade, igualdade e inferioridade. O primeiro tipo se forma a partir da estrutura “mais + adjetivo + que/do que”; o segundo é formado por “tão + adjetivo + como/quanto”; e o terceiro se forma a partir da estrutura “menos + adjetivo + que/do que”.

O grau superlativo, por sua vez, “pode denotar que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (superlativo absoluto), e que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau

maior ou menor que os demais (superlativo relativo)” (CUNHA; CINTRA, 2013, p.269).

O superlativo relativo pode ser, portanto, de superioridade e inferioridade. O primeiro forma-se a partir da anteposição do artigo definido “o/a” ao comparativo de superioridade. O segundo pela anteposição do artigo definido “o/a” ao comparativo de inferioridade (CUNHA; CINTRA, 2013).

O superlativo absoluto pode ser analítico, se formado com a ajuda de outra palavra (muito, intensamente, grandemente, etc.) ou sintético, se expresso somente pela adição do sufixo ao adjetivo. Os autores elencam as regras para adição do sufixo – *íssimo* aos adjetivos: quando acrescentado a um adjetivo terminado em vogal, esta é aglutinada ao sufixo (belo – belíssimo); quando os adjetivos terminam em –vel, formam o superlativo com –bilíssimo (amável – amabilíssimo); os terminados em –z formam em –císsimo (feliz – felicíssimo); aqueles terminados em vogal nasal (-m gráfico) tem sua forma superlativa em –níssimo (comum – comuníssimo); os terminados com o ditongo –ão graduaem em –aníssimo (pagão – paganíssimo) (CUNHA; CINTRA, 2013). Os autores ainda afirmam que existem muitos casos em que os adjetivos em língua portuguesa se diferem daqueles da língua latina, da qual deriva o superlativo (amargo – amaríssimo; doce – dulcíssimo; cruel – crudelíssimo, etc.)⁴¹.

Os autores ressaltam que também são de formação latina os superlativos terminados em –ímo e –rímo (célebre – celeberrimo; livre – liberrimo, etc.), mas asseveram que o seu uso não pertence à fala coloquial.

Evanildo Bechara (2009, pg. 148-149) em sua *Moderna Gramática Portuguesa* elenca três tipos de gradação na qualidade que o adjetivo expressa: **(a)** positivo: que não se constitui a rigor numa gradação, enunciando simplesmente a qualidade; **(b)** comparativo: compara qualidade entre dois ou mais seres estabelecendo uma igualdade; **(c)** superlativo.

Bechara (2007), em sua descrição do grau comparativo e superlativo de adjetivos concorda com as definições de Cunha e Cintra (2013), e também frisa que o uso do superlativo sintético é muito mais enfático do que o uso do analítico.

Os superlativos relativo e absoluto analítico, como pudemos ver, são criados a partir de mecanismos sintáticos, ou seja, não vemos a derivação marcando o próprio adjetivo. Já no superlativo absoluto sintético, o processo de intensificação se encerra no

⁴¹ Para a lista completa consultar Cunha e Cintra, 2013, p. 271

adjetivo através dos sufixos. É justamente nesse ponto que Bechara (2009) difere de Cunha e Cintra (2013), pois afirma que o superlativo sintético se dá através do processo derivacional e não flexional como afirmam os autores.

No que tange aos estudos linguísticos, o superlativo é peça central de um embate teórico que divide pesquisadores. Aqui tratamos desde o início desse trabalho a expressão de grau nos adjetivos como um fenômeno derivacional, mas algumas gramáticas tradicionais, como a de Cunha e Cintra (2013), tratam-no como um fenômeno flexional.

Resumidamente, Gonçalves (2011, p. 6) afirma que a flexão “tem sido definida como processo morfológico regular, aplicável em larga escala e sem qualquer possibilidade de mudança na categorização lexical das bases”, como número (singular, plural), gênero (feminino, masculino), etc. Já o processo da derivação “tem sido descrito como idiossincrático, caracterizado pelo potencial de mudar classes e por grandes restrições de aplicabilidade” (GONÇALVES, 2011, p. 6).

De acordo com o autor, mais de quinze critérios vêm sendo usados tradicionalmente para separar flexão de derivação. No primeiro capítulo de sua obra *Iniciação aos Estudos Morfológicos* o autor apresenta e discute esses parâmetros: a) relevância sintática; b) meios de materialização; c) aplicabilidade; d) estabilidade semântica; e) efeitos expressivos; f) lexicalização; g) mudança de classe; h) posição da cabeça lexical; i) ordem; j) relevância do significado; k) criação de vocábulo novo; l) excludência; m) recursividade; n) número de formas; o) criação de novos afixos; p) função indexical; q) cumulação; r) mudança de acento. Aqui, à guisa de ilustração, detalharemos (a), (e) e (l)⁴², por serem mais sensíveis ao tema de nossa pesquisa.

O critério de relevância sintática, de acordo com Gonçalves (2011) é muito utilizado por ser característica muito forte da flexão:

A flexão é requerida pela sintaxe da sentença, isto é, um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, o que não acontece com a derivação, isenta do requisito “obrigatoriedade sintática”. (GONÇALVES, 2011, p.12)

Ou seja, numa situação como:

40. Eu vi uma **menina** bonita e educada.

⁴² Para um detalhamento completo desses parâmetros ver Gonçalves, 2011.

podemos dizer que gênero é um processo flexional, uma vez que, sintaticamente, há obrigatoriedade que todos os termos concordem entre si. Porém, uma situação diferente, como:

41. Eu tomei um cafez**inho** gostoso.

permite-nos afirmar, tomando por base o critério de relevância sintática, que o grau se dá através de processo derivacional, uma vez que não há obrigatoriedade que os termos conectados a “cafezinho” também venham com sufixo de grau.

O critério de efeitos expressivos, de acordo com o autor, tem sido muito utilizado pois:

A derivação pode servir como veículo para o falante exteriorizar sua impressão a respeito de algo ou alguém. A flexão, ao contrário, não se presta a esse serviço. (GONÇALVES, 2011, p.33).

Isso fica claro com os afixos de grau, uma vez que a gradação é “relevante pragmaticamente porque dimensão e intensidade são valores subjetivos que necessariamente envolvem avaliações/julgamentos por parte do falante” (GONÇALVES, 2011, p.35).

E o critério da função indexical, de acordo com o autor, “pode qualificar o falante do ponto de vista sociolinguístico” (GONÇALVES, 2011, p.64) e:

Apenas afixos derivacionais podem servir como meio de sinalização do falante do ponto de vista social, geográfico e etário (GONÇALVES, 2011, p. 64).

Neste momento, o autor cita seu próprio trabalho (2003), já previamente citado, em que ele observou que os sufixos de intensificação (-íssimo, -érrimo, -ésimo), podem servir como sinalizadores de falantes, ou de grupo deles, sendo evitados por homens que temem ter sua fala associados à fala feminina e a fala de homens *gays*.

Embora esses critérios sirvam de norte para uma distinção entre flexão e derivação, o autor afirma que cada um deles pode ser questionado: o critério da relevância sintática não se aplica, por exemplo, às classes de conjugação e de declinação, pois não dependem de fatores sintáticos; os aspectos de efeitos expressivos são problematizados pelo autor pela ideia do sufixo de feminino, que em casos como “vagabunda”, por exemplo, além de significar alguém do sexo feminino sem trabalho e ociosa, significa também prostituta; e o critério da função indexical encontra problemas, pois só podem ser categorizados como derivacionais aqueles que apresentam a função indexical, falhando em categorizar todos os outros que não carregam tal função (GONÇALVES, 2011).

Bybee (1985) considera a diferenciação de derivação e flexão como um processo em uma escala contínua, ao invés da distinção feita pelos tipos de expressões, como os critérios em Gonçalves (2011) sugerem. A autora assevera que "há uma correlação entre o tipo de significado expresso por categorias morfológicas e as formas que essas expressões tomam, e que essas correlações são previsíveis a partir dos parâmetros semânticos de relevância e generalidade." (BYBEE, 1985, p. 109, tradução nossa)⁴³.

A proposta da autora é basicamente um contínuo com flexão e derivação em cada polo, onde se encaixariam os casos mais prototípicos de cada um, tendo os afixos distribuídos ao longo desse contínuo. Gonçalves (2011) se aproveita dessa proposta de Bybee, criticando o fato de a autora não mencionar "uma forma de medir a aproximação ou afastamento dos extremos prototípicos" (GONÇALVES, 2011, p.120), e apresenta, na parte final de seu livro, um quadro sistematizando os parâmetros que ele considera relevantes na decisão do grau de flexionalidade dos afixos e de suas posições dentro do contínuo "- flexional > +flexional.

No que diz respeito ao grau ser produzido por processos flexionais ou derivacionais, Gonçalves (2011) apresenta o trabalho de Piza (2001 apud GONÇALVES, 2011), no qual a autora conclui que, embora os afixos de grau estejam mais próximos do lado esquerdo "- flexional", ou seja, mais derivacional, eles não podem ser tomados como sendo prototipicamente derivacionais.

Câmara Jr. (2004) também discorda da atribuição do grau ao processo de flexão, uma vez que não há obrigatoriedade de se adotar o adjetivo sufixado que expressa o superlativo. Para o autor, seu uso é determinado por uma preferência pessoal, uma questão de estilo e não há a possibilidade de uma sistematização para o grau dos adjetivos como ocorre no caso de flexão de gênero e número.

O fato de que o grau se dá por processos mais próximos do extremo do contínuo da derivação que possibilita o desenvolvimento da nossa análise a fim de verificar se o uso dos sufixos superlativos -íssimo(a), -érrimo(a) e -ésimo(a) são de fato aspectos marcantes da fala de homens *gays*, uma vez que sua utilização não é obrigatória, mas motivada pelas escolhas pessoais do falante. Como sugere Gonçalves (2003), homens que querem afastar a sua fala da fala de mulheres e de homens *gays* evitam a produção de adjetivos sufixados no superlativo e preferem formas não sufixadas do superlativo

⁴³ "there is a correlation between the type of meaning expressed by a morphological category and the form its expression takes, and that these correlations are predictable from the semantic parameters of relevance and generality." (BYBEE, 1985, p.109)

absoluto analítico por conta da significação social do uso do superlativo, fortemente associado à fala de mulheres e *gays* e optam estilisticamente por outras estruturas de intensificação. Nosso objetivo é, portanto, verificar se *gays* utilizam de fato tantos superlativos como sugere o estereótipo social desse grupo.

2. METODOLOGIA

2.1. Formação do banco de dados da fala de *gays*

O objetivo da pesquisa Sociolinguística Laboviana é descrever e analisar padrões gerais de uso linguístico numa comunidade de fala. Por consequência, a partir da percepção da relação entre sociedade e língua, a coleta de dados é feita através de entrevistas sociolinguísticas que tentam reproduzir um retrato o mais fiel possível da comunidade de fala.

Apesar da existência de vários bancos de dados de fala do português do Brasil que possibilitaram inúmeras pesquisas sociolinguísticas interessantes no país, nenhum adotou como metodologia a seleção de falantes de acordo com o gênero de fato ou sexualidade do falante. Nos bancos de dados do projeto NURC⁴⁴, PEUL⁴⁵ e ALIP⁴⁶, por exemplo, os informantes estão divididos em homem e mulher. Por conta disso, foi necessária a constituição de uma amostra que atendesse às necessidades desta pesquisa que se resume basicamente na análise da fala de homens assumidamente *gays*. Mesmo pequena essa amostra da fala de informantes que se identificam como *gays* foi fundamental para a realização desta pesquisa e poderá ser usada também em pesquisas posteriores.

Para a elaboração de nossa amostra, foram seguidos os preceitos básicos da Sociolinguística Laboviana. O conjunto de entrevistas representa a fala de indivíduos *gays* do sexo masculino. Por isso, ao contrário das pesquisas sociolinguísticas clássicas, o sexo não é uma variável para a análise. Foram levadas em consideração outras variáveis sociais que são comprovadamente relevantes para os estudos sociolinguísticos (cf. MOLLICA, 2003), com as quais visamos garantir a representatividade do censo linguístico, como se vê na tabela 1 abaixo.

⁴⁴ Norma Linguística Urbana Culta – amostragem das décadas de 70 e 90 em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, visando a variante culta da língua portuguesa.

⁴⁵ Programa de Estudos sobre Usos da Língua – amostragem das décadas de 80 e 2000 na cidade Rio de Janeiro, visando ao estudo do português falado.

⁴⁶ Amostra linguística do Interior Paulista – amostragem da região noroeste do estado de São Paulo abrangendo 7 áreas urbanas.

Sexo/Gênero (G)	Faixa etária (1/2/3)	Escolaridade (M/S)	Perfil sociolinguístico
Masculino <i>gay</i>	(1) de 18 a 30 anos	Ensino médio	1. G1M
		Ensino superior	2. G1S
	(2) de 31 a 40 anos	Ensino médio	3. G2M
		Ensino superior	4. G2S
	(3) acima de 40 anos	Ensino médio	5. G3M
		Ensino superior	6. G3S

6 perfis x 4 informantes = 24 entrevistas

Tabela 1: Grupos de fatores sociais e perfis sociolinguísticos dos informantes

Como podemos ver no Quadro 1 acima, o cruzamento dessas variantes resultam em seis células, para cada uma das quais nos propusemos a gravar quatro informantes. Desse modo, a amostra contou com um total de 24 entrevistas. Tivemos, porém, ao longo da coleta, problemas em encontrar informantes da segunda e terceira faixas etárias (de 31 a 40 anos e acima de 40 anos, respectivamente) somente com ensino médio completo o que atrasou consideravelmente essa etapa do nosso trabalho.

A divulgação do trabalho foi amplamente feita por meio das redes sociais e pelo “boca a boca”, mas mesmo assim não conseguimos encontrar dois dos quatro informantes previstos para a terceira faixa etária com ensino médio completo. Como a pesquisa já se encontrava em um momento avançado e a partir da observação de que outros pesquisadores também tiveram problemas desse tipo, como Mendes e Oushiro (2012a) e Gonçalves (2004), decidimos então por selecionar os últimos dois falantes em função da variável escolaridade, embora pertencessem a segunda faixa etária. Optamos pela aproximação pela escolaridade uma vez que as análises sociolinguísticas tenham-na apontado como sendo importante na percepção de fatos linguísticos que são alvo da avaliação da comunidade de fala. Mendes e Oushiro (2012) atribuem a dificuldade de encontrar esse perfil social às mudanças nas políticas públicas de educação nas últimas décadas como a Progressão Continuada (no estado de São Paulo) e a ampliação do acesso aos cursos universitários através do ProUni (no âmbito federal) (MENDES/USHIRO, 2012, p. 981) além da questão socioeconômica em grandes centros urbanos não favorecer o encontro de pessoas nessa faixa etária com escolaridade mais baixa. O quadro 2 relata, afinal, os dados dos falantes que contribuíram para essa pesquisa. Uma vez que lhes é garantido o anonimato eles serão representados por números para que possamos nos referir a eles na análise:

Código do falante	Faixa Etária	Escolaridade
G1	1	Superior
G2	1	Médio
G3	1	Médio
G4	3	Superior
G5	2	Médio
G6	1	Médio
G7	1	Médio
G8	3	Superior
G9	1	Superior
G10	1	Superior
G11	1	Superior
G12	2	Superior
G13	2	Médio
G14	2	Superior
G15	2	Médio
G16	2	Superior
G17	2	Médio
G18	2	Superior
G19	3	Médio
G20	3	Superior
G21	3	Superior
G22	2	Médio
G23	3	Médio
G24	2	Médio

Quadro 1 - Caracterização dos informantes

Esta pesquisa representa, com base no que diz Monteiro (2000), “uma primeira testagem com uma amostra de tamanho reduzido, à qual se possam acrescentar novos dados”. Estamos conscientes, contudo, de que novas entrevistas devem ser coletadas, inclusive, com metodologia distinta, já que a fala de homens *gays* brasileiros ainda carece de maiores detalhamentos.

Todos os informantes gravados são oriundos da cidade de Ribeirão Preto ou habitam na cidade há pelo menos 5 anos. A seleção desses informantes foi feita segundo o método proposto em Mendes e Oushiro (2012) que, por sua vez, é uma adaptação do método “amigo do amigo” de Milroy (2004). A seleção, portanto, foi feita de maneira semialeatória. Num primeiro momento, buscamos, entre pessoas de nossa rede social, indicações de homens *gays* que poderiam potencialmente preencher os perfis sociais

selecionados. A partir dessas pessoas sugeridas, solicitamos dos próprios informantes indicação de novos informantes até que todos os perfis sociais estivessem completos. Vale frisar que os informantes selecionados não integravam a rede social do documentador.

Para Labov, é apenas a partir do vernáculo (fala com baixo grau de monitoramento) que se pode, de fato, entender o real funcionamento de uma língua. O vernáculo é a parte viva da língua, que se desprende das regras fixas e toma vida própria, sendo capaz de se transformar constantemente. Por isso, é a partir do vernáculo que se pode notar as transformações nas falas e as diferenciações entre os grupos de falantes. É por isso que o vernáculo constitui o material básico para a análise sociolinguística, pois é através dele que se torna possível a descrição de uma fala menos monitorada e mais espontânea. Porém, a coleta dessa fala com baixo grau de monitoramento implica no famoso problema metodológico que Labov chamou de *paradoxo do observador*: o objetivo da entrevista sociolinguística é analisar a fala espontânea de informantes quando não estão sob observação, porém o acesso a esses dados só se dá a partir da gravação feita por um entrevistador, desconhecido do informante, cuja presença pode afetar o estilo de fala dele.

Tarallo (1990), seguindo Labov (2008[1972]), elenca alguns conselhos visando minimizar os efeitos desse paradoxo, dos quais dois foram necessários para essa pesquisa: a) não mencionar para os informantes que o objetivo da pesquisa é analisar a *língua* da comunidade a que eles pertencem, pois isso pode fazer com que os informantes comecem a prestar mais atenção em como falam, tirando a naturalidade da entrevista; b) procurar acomodar o comportamento social do entrevistador ao do grupo entrevistado. No que diz respeito ao item (a), é importante ressaltar que é exigido pelo Comitê de Ética que os objetivos da pesquisa sejam claramente explanados ao entrevistado. Porém se isso fosse feito antes da entrevista, no caso, se tivéssemos dito aos informantes que buscávamos analisar o uso de adjetivos com derivação no superlativo absoluto sintético, essa informação poderia influenciar na maneira em que os indivíduos conversariam conosco utilizando mais ou menos adjetivos nessa derivação. Logo, no início da entrevista informávamos apenas que era nossa intenção gravar entrevistas com homens assumidamente *gays* e em seguida analisar a sua fala. O nosso principal objetivo só foi informado aos participantes depois de coletada a entrevista.

Também buscando diminuir os efeitos do *paradoxo do observador*, Labov (2008[1972]) ainda sugere a elaboração de um roteiro de perguntas, com alguns momentos estratégicos em que o entrevistador peça ao informante que relate experiências vividas (narrativa de experiência pessoal), opiniões, pois a expectativa do pesquisador é que, ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante se desvencilharia praticamente de preocupação com a forma (TARALLO, 1990).

Quando pronto esse roteiro, partimos então para a coleta definitiva dos dados. Previmos que cada informante forneceria 1 hora de gravação e produziria 4 tipos de texto oral, de acordo com os gêneros discursivos definidos: a) narrativa de experiência pessoal; b) narrativas recontadas; c) texto descritivo; d) relatos de opinião. As entrevistas foram conduzidas de uma maneira bem descontraída e natural, buscando anular, ou pelo menos minimizar, a artificialidade da situação comunicativa. Visando maior naturalidade da fala, a escolha do local da entrevista também ficou a critério dos informantes, que sugeriam um local onde se sentiriam mais confortáveis.

Após a coleta dos dados, fizemos a transcrição ortográfica de todas as entrevistas para que pudéssemos, então, selecionar e analisar os dados. Como a pesquisa visa analisar o uso de adjetivos no grau superlativo, nos restringimos à seleção dos adjetivos, nos termos de Neves (2000) e Castilho (2010), respectivamente, apresentados em 1.5.1, considerados qualificadores e predicativos.

É importante ressaltar que todos os informantes de dados linguísticos para esse projeto, previamente, expressaram sua concordância em participar da pesquisa.

2.2. Formação do grupo controle

Uma vez que o objetivo desta pesquisa é, por um lado, oferecer uma análise acerca da frequência de uso do superlativo na fala de *gays*, e, por outro, verificar se a variável gênero funciona como um fator condicionante para a produção do superlativo, vimos a necessidade de confrontar os resultados das análises da nossa amostra com outra constituída de dados de fala de homens e mulheres heterossexuais. Os resultados da fala *gay*, portanto, seriam interpretados também em relação a um "grupo controle".

Como a gravação de mais 24 entrevistas com homens e 24 com mulheres inviabilizaria a conclusão desta pesquisa no tempo previsto (24 meses), decidimos pela utilização das entrevistas da Amostra Censo do banco de dados Iboruna. Lembramos que “gênero” não foi uma variável levada em consideração para a elaboração desse

banco de dados, os informantes foram estratificados levando em consideração apenas o seu sexo biológico, logo podemos dizer que a escolha dos informantes para o grupo controle é neutra no que diz respeito à identidade de gênero. A estratificação dos informantes em faixa etária e idade do bando de dados Iboruna também se deu de maneira diferente do nosso, portanto não foi possível construir esse grupo controle exatamente nos mesmos moldes de nossa amostra, porém aproximamos ao máximo as entrevistas selecionadas do Iboruna dos nossos próprios informantes. O quadro 3 a seguir mostra a caracterização dos informantes homens e mulheres selecionados do banco de dados Iboruna, para os quais mantivemos os códigos originais desse banco de dados:

Código	Faixa Etária	Escolaridade	Sexo/Gênero
AC-041	1	Médio	Masculino
AC-045	1	Médio	Masculino
AC-047	1	Médio	Masculino
AC-053	1	Superior	Masculino
AC-071	2	Médio	Masculino
AC-073	2	Médio	Masculino
AC-075	2	Médio	Masculino
AC-077	2	Médio	Masculino
AC-079	1	Médio	Masculino
AC-081	1	Superior	Masculino
AC-083	1	Superior	Masculino
AC-085	1	Superior	Masculino
AC-043	1	Médio	Masculino
AC-087	1	Superior	Masculino
AC-105	3	Médio	Masculino
AC-107	3	Médio	Masculino
AC-109	3	Médio	Masculino
AC-111	3	Médio	Masculino
AC-113	3	Superior	Masculino
AC-115	3	Superior	Masculino
AC-117	1	Médio	Masculino
AC-119	3	Superior	Masculino
AC-129	3	Superior	Masculino
AC-147	3	Superior	Masculino
AC-044	1	Médio	Feminino

AC-046	1	Médio	Feminino
AC-050	1	Superior	Feminino
AC-052	1	Superior	Feminino
AC-054	1	Superior	Feminino
AC-056	1	Superior	Feminino
AC-070	1	Médio	Feminino
AC-074	1	Médio	Feminino
AC-076	1	Médio	Feminino
AC-078	2	Médio	Feminino
AC-080	1	Médio	Feminino
AC-082	2	Superior	Feminino
AC-084	2	Superior	Feminino
AC-086	2	Superior	Feminino
AC-104	2	Médio	Feminino
AC-108	3	Médio	Feminino
AC-110	3	Médio	Feminino
AC-112	3	Médio	Feminino
AC-114	2	Superior	Feminino
AC-118	3	Superior	Feminino
AC-120	3	Superior	Feminino
AC-146	3	Superior	Feminino
AC-150	3	Superior	Feminino
AC-106	3	Médio	Feminino

Quadro 2 - Caracterização do grupo controle

Desse modo, embora nosso "grupo controle" não seja o ideal, consideramos válido o contraste entre os resultados de uma amostra de fala em que os informantes foram selecionados a partir do critério de identidade de gênero com uma amostra de fala cujos informantes não foram selecionados nem tiveram que indicar sua identidade de gênero nem orientação sexual.

2.3. Grupos de fatores

Seguindo a proposta teórico-metodológica de Labov, que visa verificar as variações que ocorrem na língua, tendo por principal objetivo analisar e descrever variantes usadas em uma comunidade de fala, sabemos que a língua é um sistema dinâmico porque está condicionada a fatores internos (estrutura da língua) e externos (social) que permitem o seu constante desenvolvimento e sua sobrevivência. Mollica

(2003, p.9) afirma que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” sendo possível encontrar nelas “formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo” (MOLLICA, 2003, p.9).

Um grupo de fatores é o aspecto contextual que pode condicionar ou não a ocorrência da variante e nos permite analisar mais claramente a heterogeneidade da língua. Tagliamonte (2006) afirma que cada grupo de fatores deve ser discutido com base na hipótese de que de fato influenciaria o processo de escolha do falante. Sabemos, no entanto, que uso ou não de adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético não se trata de um fenômeno de variação linguística propriamente dito, logo usaremos os grupos de fatores como recurso heurístico apenas, uma vez que, de acordo com Rodrigues (2006, p.35), “os pressupostos inerentes às análises variacionistas garantem que todas as ocorrências sejam investigadas de forma coerente e sistemática”.

Dessa maneira, o grupo de fatores linguísticos pensado para que a análise apresentada neste trabalho pudesse ser realizada foi: a) tipos de sequência textuais: narrativa de experiência, narrativa recontada, descritiva (a respeito de lugares, pessoas e procedimentos) e de opinião. A princípio existiam mais quatro outros grupos de fatores linguísticos: posição do adjetivo; concordância de gênero; concordância de número; e função sintática. Porém, nas rodadas estatísticas preliminares eles se mostraram irrelevantes e foram descartados, uma vez que não influenciavam de maneira alguma na produção ou não de adjetivos superlativados. Foi também necessário controlar o grau do adjetivo uma vez que o cruzamento dos fatores nos daria informações a respeito de frequência de uso de adjetivos superlativos sintéticos em comparação com adjetivos sem derivação de grau. O grau, neutro⁴⁷ e superlativo absoluto sintético, foi escolhido como “variável dependente” no programa *Goldvarb*.

O grupo de tipos de sequências textuais foi primeiramente escolhido para que fosse possível verificar qual tipo de sequência textual motivaria mais o uso de adjetivos superlativos sintéticos. Nossa hipótese inicial era de que descrição e relatos de opinião seriam os tipos de texto mais produtivos, uma vez que, por sua natureza, o primeiro requer um maior uso de adjetivos e um posicionamento avaliativo mais explícito pelo

⁴⁷ Sem derivação de grau

falante, enquanto que o segundo demanda um maior envolvimento do falante com seu discurso com o intuito de colocar suas opiniões.

Outro aspecto linguístico que também controlamos foi o tipo de formação do superlativo sintético escolhido pelo falante, para que pudéssemos detalhar as ocorrências de adjetivos superlativados buscando verificar as afirmações feitas por Gonçalves (2003), mesmo não tendo ele observado sistematicamente a fala de homens *gays* e fazendo essa afirmação a partir do julgamento de terceiros, e sugeridas pelo estereótipo de que *gays* utilizam adjetivos sufixados em *-íssimo(a)*, *-érrimo(a)*, *-ésimo(a)* em demasia. No entanto, esse não foi um grupo de fatores selecionado para fazer as rodadas no *Goldvarb*. Codificamos os dados no *Excel* e utilizamos o próprio programa para obtermos os resultados estatísticos.

Os grupos de fatores extralinguísticos por sua vez foram: a) escolaridade: médio, superior; b) idade: 18 a 30, 31 a 40, acima de 40; e, para as rodadas cruzando os nossos dados com os dados do Iboruna, c) sexo/gênero: masculino, feminino, *gay*.

Vale lembrar que a definição dos termos sexo/gênero ainda é um pouco conflituosa, posto que, como apresentado em 1.1, eles ainda são problemáticos na área da sociolinguística por, em sua maioria, designarem somente o sexo biológico dos falantes, não havendo estudos que buscaram outras palavras para identificar as diversas orientações sexuais consideradas na contemporaneidade. Apesar disso, optamos por identificar o *gay*, a partir desta terminologia, como um gênero, uma vez que também seria conflituoso trocar o grupo de fatores “sexo/gênero” por “sexualidade”, uma vez que não podemos nos referir à sexualidade dos informantes do grupo controle, uma vez que, como já previamente mencionado, esses não foram estratificados de acordo com sua sexualidade, mas sim de acordo com seu sexo biológico.

A escolha dos grupos de fatores sociais (escolaridade, idade e gênero) se deu primeiramente por serem as três as variáveis mais utilizadas na tradição das pesquisas sociolinguísticas no que diz respeito à estratificação dos informantes. Além disso, por acreditar na relevância delas para este trabalho.

A escolaridade é relevante, por exemplo, para verificarmos a influência da instrução escolar no uso de variadas formas linguísticas estigmatizadas. Uma vez que a escola reforça as formas de prestígio, o esperado é que os informantes mais escolarizados utilizem a forma tida como padrão ou não estigmatizada mais frequentemente do que os menos escolarizados.

A faixa etária é muito utilizada em pesquisas sociolinguísticas por se acreditar que ela possibilita verificar a mudança em progresso, através do conceito de mudança em tempo aparente. Nesta pesquisa, a variável idade foi selecionada com o objetivo de verificar se o uso do superlativo poderia estar associado a questões geracionais. Nossa hipótese é de que falantes mais velhos, por terem vivido em uma época com pouca tolerância à diversidade sexual e, por isso, sofrido mais repressão pelo fato de serem *gays*, e também por terem convivido por mais tempo sob influência do estereótipo de *gay* engraçado, promíscuo, frívolo, evitariam usar tais sufixos superlativos por serem muito fortemente associados à fala de *gays* enquanto que falantes mais jovens, por viverem no contexto atual de constantes discussões a respeito de gênero e sexualidade, utilizariam sua fala afirmando sua identidade como *gay*.

Por último estratificar os informantes com base no sexo/gênero visa descrever os papéis sociais dessas pessoas diferentes dentro de uma comunidade específica. Como previamente comentado, é tradição das pesquisas sociolinguísticas tratar gênero como sinônimo de sexo biológico. Essa maneira essencialista de tratar sexo e gênero já foi muito rebatida também na Sociolinguística como, por exemplo, em Eckert; Mcconnel-Ginnet (1992). Logo, para uma pesquisa como essa que busca analisar a fala de homens *gays*, é extremamente necessária que seja feita uma descrição sobre os papéis sociais que estão correlacionados aos sexos biológicos. Nesta pesquisa, todavia, podemos apresentar resultados mais aproximados do que seria um *falar gay masculino*, uma vez que esse foi um critério para a seleção dos informantes. Os resultados para o grupo controle são subsidiários e foram considerados aqui com muita cautela. Certamente, o português brasileiro pode ser mais bem investigado no que diz respeito às distinções sociolinguísticas estratificadas por gêneros, mas esse é um empreendimento que ainda está por se fazer.

2.4. Para a análise dos dados

Primeiramente realizamos uma análise piloto com oito de nossas entrevistas cruzando com o mesmo tanto de entrevistas para cada gênero do grupo controle: 8 homens e 8 mulheres. Foi feita a seleção de todos os adjetivos com grau neutro e com derivação de grau superlativo absoluto sintético e analítico que apareceram tanto na amostra de *gays*, quanto na amostra controle retirada do banco de dados Iboruna. Feita a seleção dos adjetivos esses foram codificados de acordo com os grupos de fatores selecionados e em seguida rodados no Goldvarb.

Quatro rodadas foram feitas cruzando os dados dos três gêneros analisados: a primeira com os três tipos de adjetivos selecionados e todos os grupos de fatores, inclusive aqueles que foram depois excluídos; a segunda foi feita com adjetivos neutros *versus* o total de adjetivos no superlativo analítico e sintético, também com todos os grupos de fatores. A partir dessas duas rodadas, o programa apontou que os grupos de fatores “posição do adjetivo”, “concordância de gênero”, “concordância de número” e “função sintática” não eram relevantes para a análise e eles foram excluídos. A terceira rodada foi feita com os adjetivos neutros *versus* o total de adjetivos no superlativo analítico e sintético sem os grupos excluídos; e a quarta rodada foi feita somente com adjetivos neutros *versus* adjetivos no superlativo absoluto sintético, uma vez que esses são o foco dessa pesquisa.

Após a análise piloto, decidimos por selecionar e codificar somente os adjetivos de grau neutro e superlativo absoluto sintético, para que uma análise mais cuidadosa pudesse ser feita dos adjetivos nessa derivação. Uma vez que tínhamos todos os dados codificados de nossas entrevistas e aquelas do grupo controle, fizemos a rodada no *Goldvarb*, tendo como variável dependente o grau do adjetivo.

Essa análise se deu dessa maneira com o intuito de verificar se esse é um dos traços que poderia definir a identidade linguística dos homens *gays* falantes do português.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresentaremos a análise dos nossos dados. No primeiro momento, em 3.1, apresentaremos uma análise quantitativa do total de dados que obtivemos a partir do cruzamento dos dados de nossas entrevistas com homens *gays* com aqueles das entrevistas do grupo controle no programa *Goldvarb*. Logo, em 3.2 apresentaremos uma análise qualitativa dos dados, relacionando os usos do superlativo com sua entrada lexical e campo semântico.

3.1. Análise Quantitativa

Após a seleção e codificação de todos os adjetivos em todas as entrevistas foi feita a rodada, já previamente comentada, no *Goldvarb*.

A rodada que será aqui apresentada foi feita com os adjetivos de grau neutro e superlativo absoluto sintético, produzidos pelos 24 informantes *gays* que foram entrevistados e constituíram nosso corpus.

O Gráfico 1 mostra a distribuição dos dados na fala dos informantes *gays*:

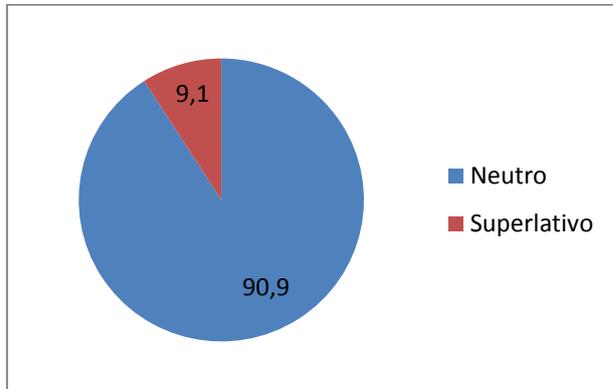


Gráfico 1 – Dados das entrevistas com homens auto identificados como *gays*

Podemos depreender do gráfico que de um total de 3170 dados retirados das entrevistas com informantes *gays* a maioria, representando 90,9% (2882 ocorrências), dos adjetivos utilizados foram com grau neutro, como em (42-45):

42. A experiência de estar num outro lugar, de uma outra cultura foi... foi assim **marcante**. (G1)
43. Eu sempre gostei de coisas **exotéricas**. (G3)
44. Eu fiquei **apaixonado** por eles. (G4)
45. As mulheres não são **fortes**. (G2)

Já os adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético, que são o foco de análise desse trabalho, apareceram representando somente 9% (288 ocorrências) e, em sua grande maioria (25,7% [74 ocorrências]), sufixados em “-íssimo(a)”, como em (46-50).

46. Minha mãe ficou super tipo “af L. porque você fica falando com essa pessoa? Aí ó vai processar a gente” minha mãe é **medrosíssima** eu num tenho medo não gata a pessoa não tem dinheiro pra comprar um sabonete... ele era **pobrríssimo**. (G2)
47. É muito legal quando cê tá falando com uma drag e de repente ela tem uma voz **grossíssima**. (G2)
48. Meu irmão é cabelereiro já faz tempo é consolidado em ribeirão **conhecidíssimo**. (G3)
49. É a ereção que tá aí ó mostrando um pau **duríssimo**. (G3)
50. Eles me deram tanto frasco de flagil que era um antibiótico **fortíssimo**. (G4)

Além dos adjetivos sufixados por -íssimo foram utilizados 7 adjetivos sufixados em -érrimo, o que corresponde a 2,4% do total dos dados de superlativo absoluto sintético, porém nenhum deles foi utilizado com o intuito de descrever alguma coisa, mas sim em resposta para quando perguntamos a eles o que na fala de um homem chamaria a atenção para o fato de ele ser *gay* como nos seguintes exemplos:

51. Ai isso é massa isso é legal ou o gay tipo nossa isso é **chiquérrimo** entendeu? (G6)
52. Quando eu ouço alguma coisa desse tipo né **lindérrima** né então assim cê percebe que os bofes da minha família ou os que eu conheço jamais usariam esses termos. (G21)

Também ocorreram 3 adjetivos, correspondente a 1% do total dos dados de adjetivos superlativados, sufixados em -ésimo como em:

53. Eu tenho um amigo [...] ele é todo assim **femininínésima femininínésima**. (G19)
54. Eu achava que eu era diferente não eu era normalíssimo **caretésimo** super tradicional. (G20)

É necessário acrescentar que adjetivos com os sufixos diminutivos e aumentativos, como em (55-58), também foram considerados superlativos absolutos sintéticos, uma vez que também intensificam o valor do adjetivo seja para menos como para mais e representaram, respectivamente, 44% (127 ocorrências) e 7,6% (22 ocorrências) do total dos adjetivos com derivação de grau superlativo:

55. A minha família sempre foi tipo... **fechadinha**. (G2)
56. A minha é só com coxa sobrecoxa deixo ela refogá bem até fica tudo desmanchando **moreninho**. (G4)

57. E aí tinha um lugarzinho tipo um quiosque **grandão**. (G3)
 58. Ele tá mais bonito bonita também agora **velhona** cheia das plástica. (G2)

Também foram registrados casos em que o falante utilizou uma palavra intensificadora juntamente com um adjetivo com derivação de grau superlativo absoluto sintético, como em (18-20), porém categorizamos esses casos tomando por base o sufixo, logo, eles estão inclusos na porcentagem de cada sufixo:

59. Ai ela era **muito novinha** né tinha dezesseis dezessete no máximo. (G4)
 60. A maioria são **muito** tipo **coloridíssimos** e eu não faço coisa muito colorida. (G2)
 61. Sua sobancelha é **muito clarinha**. (G2)

Além das ocorrências já supracitadas selecionamos mais 55 dados de adjetivos, 19,1% com a derivação de superlativo absoluto sintético irregular, sendo em todos esses casos o superlativo de “bom” ou “mau”, ótimo e péssimo, respectivamente, como ilustramos em (62-63):

62. Nós pedimos esse dadinho de tapioca e tava **péssimo péssimo**. (G22)
 63. Eu escolho o que eu vou ver né e tenho **ótimos** exemplos de filmes que tratam pra uma mídia que também é de massa que passa em lugares públicos. (G21)

Na Tabela 2 apresentamos um resumo quantitativo dos adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético utilizados pelos informantes *gays*, dividindo-os com relação ao tipo de intensificação utilizado.

Irregular		-íssimo(a)		-érrimo(a)		-ésimo(a)		-ão/ona		-inho		TOTAL	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
55	19,1	74	25,7	7	2,4	3	1	22	7,6	127	44	288	100

Tabela 2 – Número de ocorrências por tipo de superlativo

Quando olhamos para os resultados a partir do grupo de fatores “escolaridade”, podemos notar que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo sintético se deu de uma maneira muito aproximada. Do total de 288 adjetivos nesse grau, 54,5% (157 ocorrências) foram produzidos por informantes com grau superior de ensino completo, enquanto que 45,5% (131 das ocorrências) foram proferidos por informantes com grau médio de ensino completo. As ocorrências por tipo de superlativo, por sua vez, permite-nos verificar que os usos se deram de uma maneira muito aproximada, sugerindo, talvez, que a escolaridade não influencie no uso de adjetivos sufixados em –

íssimo(a), -érrimo(a) e -ésimo(a) como previamente pensado. A Tabela 3 apresenta os dados por escolaridade:

	Médio		Superior	
	Nº	%	Nº	%
-íssimo(a)	37	28,24	37	23,56
-érrimo(a)	3	2,29	4	2,54
-ésimo(a)	2	1,5	1	0,63
-ão/ona	9	6,87	13	8,28
-inho(a)	47	35,87	80	50,95
Irregular	33	25,19	22	14%
TOTAL	131	100	157	100

Tabela 3 - Número de ocorrências por escolaridade

Como podemos verificar, os informantes com ensino superior completo produziram exatamente a mesma quantidade de adjetivos sufixados em -íssimo(a), um adjetivo a mais sufixado em -érrimo(a) e um adjetivo a menos sufixado em -ésimo(a) do que os informantes com ensino médio completo, diferenças muito pequenas para fazermos qualquer tipo de afirmação a respeito do uso desses três sufixos como estratégia de intensificação. No entanto, vale lembrarmos que nossa amostra não possui dados de falantes com escolaridade abaixo de ensino médio completo, logo, frisamos que a escolaridade precisaria ser mais bem investigada em uma amostra maior.

Já com relação aos resultados para o grupo de fatores “idade”, pudemos verificar que há uma gradação de uso pelos informantes de diferentes faixas etárias, sendo menos frequente nos mais velhos e mais frequentes nos mais jovens. Os entrevistados mais novos, de 18 a 30 anos, produziram 38,54% (111 ocorrências) dos superlativos. Os entrevistados da segunda faixa etária, 31 a 40 anos, produziram 32,29% (93 ocorrências) dos superlativos. E a última faixa etária, acima de 40 anos, foi responsável por 29,16% (84 ocorrências) da produção de adjetivos superlativos sintéticos. O total de ocorrências em função da faixa etária segue na Tabela 4:

	18 – 30		31 – 40		+40		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
-íssimo(a)	27	24,32	25	26,88	22	26	74	25,69
-érrimo(a)	4	3,6	2	2,1	1	1,19	7	1,39
-ésimo(a)	0	0	0	0	3	3,57	3	0,61
-ão/ona	12	10,8	5	5,37	5	5,95	22	4,47
-inho	52	46,84	41	44	34	40,47	127	27,02
Irregular	16	14,41	20	21,5	19	22,61	55	16,03
TOTAL	111	100	93	100	84	100	288	100

Tabela 4 - Número de ocorrência por idade

Podemos verificar que há uma diferença de uso de adjetivos sufixados em –íssimo(a), -érrimo(a) pequena e gradual. Os informantes mais jovens produziram dois adjetivos a mais sufixados em –íssimo e –érrimo(a) que os falantes da faixa etária do meio que, por sua vez, produziram 3 adjetivos a mais sufixados em –íssimo(a) e um a mais sufixado em –érrimo(a) do que os falantes mais velhos. Os informantes pertencentes a terceira faixa etária só produziram adjetivos sufixados em –ésimo(a) a mais do que a primeira e a segunda, totalizando 3 ocorrências que é também o total de adjetivos com esse sufixo em toda a amostra. Embora exista essa sutil diferença de usos, não podemos afirmar que idade é um fator que influenciou primordialmente no uso ou não de adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético.

Analisar os dados tendo em vista o tipo de sequência textual nos ajudou a verificar em qual deles o uso de adjetivos com os sufixos superlativos estudados seria mais produtivo, informação que poderia auxiliar futuros trabalhos que possam querer também analisar, por exemplo, o uso do grau de adjetivos. Como visto em 2.3, pedimos a todos os informantes que fornecessem, ao longo da entrevista, 4 tipos de sequências textuais: narrativa de experiência, narrativa de recontato, descrição e opinião. Os tipos textuais mais produtivos para a produção de adjetivos com os sufixos superlativos foram, como esperávamos, descrição e opinião. De um total de 288 ocorrências, 38,19% (110 casos) dos adjetivos apareceram em sequências de descrição e 30,9 % (89 casos) em sequências de opinião, sendo nelas também que pudemos encontrar o maior uso de adjetivos com os sufixos –íssimo(a), -érrimo(a) e –ésimo(a). Veja na Tabela 5 as ocorrências por tipo de sequência textual:

	Narrativa de experiência	Narrativa de recontato	Descrição	Relato de opinião	TOTAL
irregular	11	6	24	14	55
-íssimo(a)	13	0	24	37	74
-érrimo(a)	0	0	0	7	7
-ésimo(a)	0	0	1	2	3
-ão/ona	9	2	7	4	22
-inho(a)	31	17	54	25	127
TOTAL	64	25	110	89	288

Tabela 5 - Número de ocorrências por tipo textual

Os resultados da tabela 5 evidenciam que “descrição” e “relato de opinião” foram os tipos de sequências textuais em que o fenômeno que nos propusemos a analisar se mostrou mais recorrente. Em 1.5.2, apresentamos uma discussão a respeito do grau de adjetivos e pudemos verificar que o grau, de acordo com Gonçalves (2011) e Câmara Jr (2004), carrega forte valor expressivo, possibilitando que o falante exteriorize sua impressão, opinião e avaliação a respeito do mundo. Logo, parece-nos natural que adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético tenham aparecido mais frequentemente nos dois tipos de sequências textuais que permitem maior envolvimento do falante para com seu discurso.

Por fim, pudemos verificar nessa análise uma frequência de uso relativamente baixa do superlativo sintético, o que pode indicar que, ao contrário do que sugere o estereótipo, *gays* não utilizem tanto adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético.

Após a obtenção desses resultados, foi feita uma rodada no *Goldvarb* incluindo os dados do Iboruna. O objetivo dessa rodada é comparar a frequência de uso de superlativos sufixados pelos *gays* e por homens e mulheres do grupo controle. Os resultados estão apresentados no Gráfico 2 e na Tabela 6:

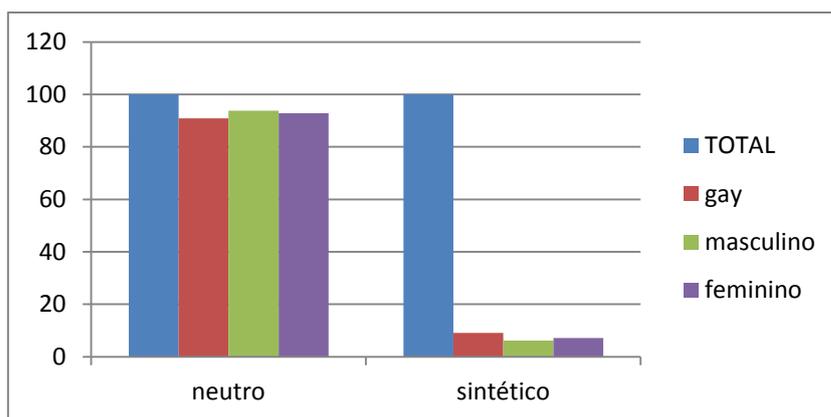


Gráfico 2 – Frequência de adjetivos neutros e superlativados nas entrevistas com homens gays versus grupo controle

	Gay		Masculino		Feminino	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Neutros	2882	90,9	1264	93,8	1350	92,8
Sintéticos	288	9,1	83	6,2	105	7,2
Total	3170	100	1347	100	1455	100

Tabela 6 - Resultados da rodada Neutros x Sintéticos x Analíticos no Goldvarb

Pudemos facilmente verificar a partir desses índices de frequência a mesma gradação de uso observada na análise da amostra isolada dos dados dos falantes gays. A preferência pelo uso de adjetivos neutros também aparece na fala dos informantes do grupo controle.

No que diz respeito ao uso de adjetivos no superlativo absoluto sintético, quando olhamos para a diferença de porcentagem no índice de frequência geral de adjetivos neutros e superlativados, ela não parece se mostrar muito alta e nem muito relevante, mas quando voltamos o nosso olhar para o uso desse superlativo em relação com o tipo de superlativação podemos fazer uma análise mais detalhada das ocorrências do superlativo absoluto sintético.

Como vimos, na fala de homens gays tivemos 288 adjetivos nessa derivação, desse total 25,7% (74 ocorrências) dos adjetivos vieram sufixados em “-íssimo(a)”, 4% (7 ocorrências) sufixados em -érrimo(a) e 1% (3) dos adjetivos vieram sufixados em -ésimo(a). Já dos 105 adjetivos nesse grau que apareceram na amostra controle feminina somente 3,8% (4 ocorrências) dos adjetivos apareceram sufixados em -íssimo(a) e na amostra controle masculina de 83 adjetivos nessa derivação, apenas 2,4% (2 ocorrências) deles vieram sufixados em -íssimo(a). Na Tabela 7 apresentamos um resumo dessas ocorrências:

	Gay		Masculino		Feminino	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sintéticos irregulares	55	19,1	14	16,9	13	12,4
Sintéticos “-íssimo(a)”	74	25,7	2	2,4	4	3,8
Sintéticos “érrimo(a)”	7	2,4	0	0	0	0
Sintéticos “ésimo(a)”	3	1	0	0	0	0
Sintéticos “-ão/-ona”	21	7,3	8	9,6	11	10,5
Sintéticos “inho(a)”	143	49,6	59	71,1	77	73,3
TOTAL sintéticos	288	100	83	100	105	100

Tabela 7 - Resumo das ocorrências de superlativo absoluto sintético

As amostras do grupo controle, como podemos ver, apresentaram pouquíssimos adjetivos sufixados em –íssimo, –érrimo e –ésimo, que são o foco maior desta pesquisa. Esse não uso pode ter sido motivado pelo fato de esses sufixos serem mais marcados e mais fortemente associados a fala de homens *gays*. De maneira geral, a maior parte da representatividade desses adjetivos retirados do grupo controle no gráfico se dão graças aos adjetivos com superlativos anômalos “bom” e “ruim” e, sobretudo, aqueles sufixados em –inho(a) (64-65).

64. A faculdade a universidade pública é **Ótima** todo mundo qué(r) entrá(r)... a particular... é **péssima** né? (AC-047; RO: L.289-290)
65. O aluno já tá preparado pr'uma música melhor mas eles insistem... naquela uma música (que que é só) **lentinha devagarinho**. (AC - 109; RO: L.667-668)

A baixa frequência de uso de adjetivos com os sufixos intensificadores poderia também ser resultado da concorrência do uso desses afixos de grau com várias outras estratégias de intensificação, sejam essas sintáticas, morfológicas ou fonológicas, mais neutras ou mais marcadas, como observadas por Gonçalves (2003) e Cunha e Cintra (2013). A seguir, elencaremos o que os autores apresentam como outras possibilidades de intensificação, todos exemplificados com dados dos nossos informantes, com o intuito de mostrar que eles utilizam dessa variedade de estratégias:⁴⁸

⁴⁸ Somente o exemplo para (04) não foi retirado de nossas entrevistas, pois não houve nenhuma ocorrência. O exemplo aqui colocado foi retirado do site *Superpride*, escrito por *gays* e voltado para o público *gay*: <http://www.superpride.com.br/2013/08/justin-timberlake-apanas-lindo-na-capa-da-revista-gq-russa.html>

- 01) **Repetição do adjetivo:** Mulher de cabelo branco mulher de cabelo branco eu já acho *lindo lindo*. (G22)
- 02) **Emprego de prefixos ou pseudoprefixos (arqui-, extra-, super-, etc):** Ele era *super* assim *revolvado* com a vida. (G17);
- 03) **Comparação introduzida por como:** era super tipo cada um vai pra casa do outro tipo um dia vai na casa do outro aí ficou aquela coisa apegada horrível aí depois explodiu em chamas *como novela mexicana*. (G2)
- 04) **Uso de expressões idiomáticas:** Apesar dos absurdos contra gays que está acontecendo na Rússia, uma coisa boa aconteceu! Justin Timberlake está na capa da edição russa da revista GQ, *lindo de viver...*;
- 05) **Repetição de advérbios:** Eu era *muito muito muito extremamente* retraído. (G5)
- 06) **Repetição do adjetivo variando no aumentativo ou diminutivo:** é um resort de frente pro... acordava aquelas ilhas aquele mar *verde verdinho...* ia passear de iate num gastei um centavo nem com cigarro. (G8)
- 07) **Intensificação do advérbio anteposto ao adjetivo:** Aquela pessoa.... ele é *muitíssimo* gato. (G16)
- 08) **O uso de um ou mais sinônimos:** ela era uma mulher *amarga* sabe *rígida*, *brava* judiava da gente. (G8)
- 09) **Alongamento da tônica:** Cê num conhece o salamandra? tem que ir lá um dia comer... lá num é barato mas também num é *caaaaro* (G20)
- 10) **Escanção silábica:** fomos pra... ai fugiu o nome agora... é... vixe no camboja ham fizemos ficamos uma semana num sítio arqueológico *ma-ra-vi-lho-so* muito bacana. (G21)

Resumindo, o que podemos depreender dos dados é que quando olhamos somente para os que são referentes à fala de homens *gays* parece não haver uma frequência de uso tão alta a ponto de caracterizar a fala desse grupo. Porém, quando comparados com os dados do grupo controle, os resultados podem indicar, sim, a existência de uma tendência de maior uso do superlativo absoluto sintético pelos *gays*. Por outro lado, não podemos a partir desses resultados, mesmo com uma quantidade alta de dados como a nossa, afirmar que o uso de adjetivos nessa derivação seja de fato uma característica muito marcante da fala de *gays*. O que esses resultados nos permite dizer é que parece ser uma característica, mas não na dimensão ilustrada pelo estereótipo que se

tem desse grupo. No entanto, como vimos em 1.3, o estereótipo se pauta em uma caricatura, que, por sua vez, é o super dimensionamento de alguma característica que se destaca dentro de um grupo, ou seja parte da super avaliação de uma característica real de determinado grupo.

Esses resultados permitem que notemos indícios de uma diferença qualitativa nesses usos muito relevante. Logo, tornou-se necessário que esses resultados fossem analisados para além dessa frequência, tendo em vista questões de identidade e estilo.

3.2. Análise Qualitativa

Ao final de cada entrevista perguntamos aos informantes: “Qual a sua opinião sobre os personagens *gays* que aparecem nas novelas, revistas, enfim, mídias em geral?” Com essa pergunta, pretendíamos verificar o grau de empatia dos falantes com os estereótipos de *gays* e por consequência verificar se o falante tinha por intenção se aproximar dele para afirmar sua identidade como *gay* ou se afastar dele para negá-la. As respostas obtidas foram várias, mas em geral todos os informantes concordaram no mesmo ponto: os personagens são afeminados demais. O julgamento de cada um, por sua vez, desse “ser afeminado” se apresentou bastante variado. O informante G1, por exemplo, afirma que:

66. sempre que trazem o homossexual ele é muito afeminado, né? Nesses programas. Ele é muito afeminado, tem algumas uns jargões.. como se fosse assim... ge..geral né pra todos e eu não acho interessante porque... [...] eu acredito assim que tornar a questão do homossexual uma coisa jocosa ou engraçada ou é... que se possa fazer piada é uma forma de diminuir a situação da pessoa homossexual a uma piada, né? Então não dá credibilidade né? (G1)

Esse informante, portanto, teme que essa visão “afeminada” sobre os *gays* descredibilize suas vozes e as reduza a piada. Logo, para ele, essa representação de homens *gays* é feita de forma negativa o que poderia motivá-lo a querer escapar desse estereótipo. Vale comentar que na fala desse informante não foi encontrado nenhum adjetivo com derivação de grau superlativo absoluto sintético.

O informante G2, por sua vez, afirma que:

67. muita gente deve achar que é estereotipada eu acho real[...]na real to pouco me fudendo pressas bixas cisgênera que ficam “ai mas eu não sou viado desse jeito” problema é seu gata cê... se fudeu cê podia ter nascido mais legal sabe (G2; RO: L 507,509,510)

Diferentemente de G1, esse informante avalia negativamente as “bixas cisgêneras” que criticam as representações de homens *gays* afeminados. Aliás, durante toda a entrevista G2 faz questão de pontuar sua sexualidade. Foi também nessa entrevista em que o informante utilizou maior número de adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético, ele o fez 19 vezes. Ora, se é intenção do falante explicitar sua orientação sexual, parece natural que ele vá utilizar as formas ditas marcadas ou estigmatizadas atreladas a esse grupo mais frequentemente do que aquele que prefere não explicitar tal característica.

Outras observações feitas pelos informantes também se mostraram interessantes. Perguntamos também a eles ao final da entrevista, inspirado no trabalho de Mendes (2011), o seguinte: “O que chama sua atenção na fala de um homem que faz você questionar o fato de ele ser ou não *gay*?”. As respostas foram como: a) um falar mais agudo/anasalado; b) rebuscar excessivo das palavras; c) prolongamento de sílabas; d) maior uso de diminutivos e superlativos; e) conteúdo da fala muito frequentemente relacionado a sexo. O que mais interessou aqui, é claro, foi (d), uma vez que englobava nosso objeto de estudo. Quando questionados a respeito do uso desse superlativo e da intensificação em geral, obtivemos respostas, por exemplo:

68. tipo as *gay* a gente tem mania de aumentá uma situação pra deixá ela mais interessante assim do que ela é realmente acho que é uma coisa que existe mesmo mais do que tenta diminuí eu acho que é muito mais aumen é eu acho que eu falo mais o oposto do que no diminutivo... bem mais na verdade pra mostra uma empolgação (G5).
69. cê perguntou se a gente consegue reconhecê a fala de *gay*? eu acho que *gay* fala tudo no muita principalmente se tiver junto com *gay* é belíssimo é tudo no superlativo nossa é belíssimo é maravilhoso o hétero pode falar maravilhoso falar incrível o hétero fala ai é incrível *gay* fala é IN-CRÍ-VEL é muito. (G24)

Por outro lado, a grande maioria fez questão de pontuar que, embora acreditem que *gays* utilizem muito dos superlativos, a frequência desse uso está atrelada ao grupo com que o *gay* falante esteja no momento:

70. é vai de grupo vai de de não dividindo as *gays* mas é.. tem o trejeito mais afeminado tem o superlativo tem uma frase um poco mais extensa uma palavra tipo assim “adoooooooro” sabe tem uns que fazem sabe essa parte tem as *gays* cool que que usam meme no dia a dia.(G3)
71. cê consegue perceber, mas isso assim... as vezes não é necessário, talvez faz assim entre os amigos, né(G1)

72. eu falo algumas coisas que já tão no meu vocabulário que eu falo assim quando eu vi já falei mas eu procuro não fala muito assim mais quando eu tô entre amigos mesmo(G5)

Tais comentários poderiam explicar a baixa frequência do uso de adjetivos no superlativo absoluto sintético, uma vez que a situação de entrevista sociolinguística entrevistador-entrevistado é bastante diferente da situação de fala espontânea de uma pessoa em seu grupo de amigos. Eles também remetem diretamente às noções de grau de atenção à fala (Labov, 2008 [1972]), Teoria da Acomodação (Giles, 1973) e *Design da Audiência* (Bell, 1984), já previamente comentados na seção 1.2, que discutem a pluralidade de estilos na fala e seus usos no que diz respeito à construção da identidade do falante.

No que concerne à identidade, torna-se muito relevante comentar que todos os informantes, mesmo concordando que *gays* falam de determinada maneira, fizeram questão de frisar que existem vários tipos de *gays*, que podem agir de diversas maneiras. O informante G2, por exemplo, descreve sua insatisfação com uma série norte-americana, pois:

73. tem aqueles problemas né que eu acho que nem é mais essa coisa de não faz parte sim tamém que é a gayzinha machinha né que a gente só tem personagem machinho nessas séries se você for reparar não tipo... repare... todos são lindos sabe maravilhosos e tipo peludíssimos num tem *twink*⁴⁹ quase lá não tem uma fada lá tem até um *bear*⁵⁰ que ele usa tipo uma roupinha de fada numa festa a fantasia mas é super tipo de zueira sabe não é a mesma coisa de uma pessoa séria lá (G2)

Já o entrevistado G8, quando comentando sobre os personagens *gays* nas novelas brasileiras afirma que:

74. as personagens *gays* eram sempre caricatas absolutamente caricatas né como se houvesse aquele único modelo e nem mais nenhum eu acho que é.. é tão diverso esse o universo como um todo é diverso né e esses sub-universos que se estabelecem também têm uma diversidade incrível eu não acredito nessa coisa da da cisão é no sentido assim existem duas categorias três categorias de então tem a bixa passiva a bixa ativa eu acho que é muito diverso entende mesmo dentro desse universo acho que existe o bissexual acho que existe o homem o gay que gosta de é do gay afeminado né do o gay que gosta do gay masculinizado é então é eu acho que assim num num... existe uma gama variadíssima de pessoas de comportamentos né de estilos de vida e isso precisa sê as pessoas querem representá isso na tv nas mídias. (G8)

⁴⁹ Homens *gays* de aparência jovem, magros e sem pelos.

⁵⁰ Homens *gays* de aparência mais madura, *corpulentos*, barbados e peludos.

Tais afirmações corroboram os estudos mais recentes da Sociolinguística chamados de estudos de terceira onda, como visto em 1.2, que buscam analisar as práticas estilísticas como fator crucial para a significação social da variação. Campbell-Kibler *et al* (2001) afirmam que veem estilo:

como o uso situacional de características linguísticas (incluindo variáveis fonéticas, construções sintáticas, léxico, marcadores de discurso) para negociar o lugar do falante no contexto comunicativo local bem como na sociedade em geral. Estilo permeia a linguagem não como um componente ou dimensão, mas como um bloco para construir e perpetuar significados sociais.⁵¹(p. 178, tradução nossa).

Ou seja, para eles o próprio estilo é sempre um trabalho em progresso. Os pesquisadores ainda afirmam que *assumir a existência de uma única forma gay de se falar homogeneiza a diversidade dentro da comunidade gay, apagando ou tratando como não importante para o debate sociolinguístico as várias subculturas que compõem a comunidade gay*⁵²(*ibid*, p. 177, tradução minha). Foi partindo dessa discussão que os autores desenvolveram a sua pesquisa que tinha por objetivo analisar a fala de um ativista e advogado *gay* durante um programa de rádio de debates a respeito de políticas anti-gays. Os autores descobriram que, embora o falante se auto apresentasse como *gay* para a plateia, não fazendo nenhum esforço para esconder essa sua identidade, ele evitou o uso de características linguísticas já associadas diretamente ao estereótipo de *gay* como, por exemplo, altura elevada do *pitch*. Essa escolha do falante por evitar tais características linguísticas se dá, de acordo com os autores, porque o momento da interação ocorre em questões do meio legal, ou seja, a identidade profissional do falante como detentor de conhecimentos e competente é igualmente importante para ele como a sua identidade como *gay*. Logo, os autores mostram que o falante buscou estratégias na linguagem para, em sua fala, demarcar o seu “ser *gay*”, mas sem soar “*gay demais*”.

No português do Brasil, como já visto, o superlativo absoluto sintético é muito fortemente associado ao estereótipo de *gays* no país, que é o papel do *gay* bastante afeminado. Interessante é notar que o papel de *gay* afeminado é também muito fortemente reprimido dentro da própria comunidade *gay*. Nogueira (2011) analisou

⁵¹ We view style as the situational use of linguistic resources (including phonetic variables, syntactic constructions, lexicon, discourse markers) to negotiate one’s place in the local communicative context as well as in society in general. Style permeates language not as a separate component or dimension but as a building block for creating and perpetuating social meaning. (CAMPBELL-KIBLER *et al*, 2001, pg. 178)

⁵² the assumption that there is a singular gay way of speaking homogenizes the diversity within the gay community, erasing or at least deeming unimportant to sociolinguistic inquiry the many subcultures comprising the community(CAMPBELL-KIBLER *et al*, 2001, pg. 177)

cinquenta perfis de homens procurando por sexo com outros homens no site *disponível.com*. Em sua grande maioria, os perfis apresentavam informações como “procuro um cara discreto, sem frescuras”, “não curto afeminados”, “quero um cara másculo”, enfim, explicitando o seu não interesse por *gays* afeminados. O informante G4, por exemplo, também avalia negativamente o ser afeminado:

75. eu achava eu me achava único no mundo {risos} eu achava que sê gay era sê aquela bixinha de de esquina sabe? Aqueles travestizinho bem afeminada eu num queria sê (G4)

Ele ainda faz questão de frisar com relação a sua imagem:

76. Tenho uma imagem máscula careca barba(G4)

Isso pode também ter motivado os entrevistados dessa pesquisa a evitarem, nesse momento artificial de interação, o uso de formas marcadas para se colocar como indivíduos mais sérios, temendo, talvez, como afirmou G1 já colocado nessa seção, serem reduzidos a uma piada, ou ainda como afirma G3

77. o que acontece é que tem gente que usa o “não faço parte do meio [gay]” pra tentar passar uma imagem melhor como se isso fosse sujar, pois *gays* são promíscuos. (G3)

Isso também poderia explicar o porquê do uso de adjetivos com os afixos “-érrimo” e “-ésimo”, que representam uma forma ainda mais marcada e mais frequentemente associada à imagem do *gay* afeminado, estereótipo e cômico, como no exemplo mais contemporâneo da personagem Bicha Bichérrima, representada pelo humorista Paulo Gustavo, terem sido menos utilizados pelos entrevistados. Este personagem, por exemplo, em um vídeo no *Youtube*, é mostrado dentro de uma piscina de camiseta cor de rosa com lenço na cabeça, também cor de rosa e com lantejoulas brilhantes, com todos os trejeitos *gay* sugeridos pelo estereótipo. Em determinado momento, o personagem diz que passou por uma turma que começou a cantar a marchinha de carnaval Cabeleira do Zezé e a respeito disso o personagem fala:

gente... indireta pra mim? Achei aquilo um absurdo falei “Meu amor deixa eu falar uma coisa pra você, se Zezé não assumiu o problema é dele eu sou assumidérrima sou ‘bichérrérrérrésima”

O nosso informante G19 afirma ter um amigo heterossexual cabelereiro que, de acordo com G19, faz tipo de *gay*, acredita ele, por conta de sua profissão, e ele o descreve como sendo “femininínésima, femininínésima”. Podemos verificar em ambos

os exemplos, que os adjetivos sufixados em *-ésimo(a)* e *-érrimo(a)*, e no caso de “bichérrérrérrésima” uma repetição de *-érrimo(a)* junto ao *-ésimo(a)*, carregam maior intensificação e mais força avaliativa do falante do que “muito assumido” ou “assumidíssimo”, por exemplo.

Quando voltamos aos dados a partir dessas reflexões, notamos uma gradação no uso desses superlativos pelos informantes *gays* em comparação com a fala dos informantes do grupo controle. Embora tenhamos encontrado o uso de adjetivos com o afixo “-íssimo” na fala de todos os informantes, o que era esperado por ser este o sufixo mais produtivo e menos marcado na língua portuguesa, os adjetivos utilizados com esse sufixo pelo grupo controle caracterizam adjetivos já muito frequentemente usados e em contextos muito socialmente abrangentes, como “lindíssimo”, “caríssimo”, “baratíssimo” e “altíssimo” com relação ao preço das coisas. Podemos inclusive encontrá-los frequentemente em sites para todos os públicos e propagandas como em:



Imagem 1 – Propaganda da rede de lanches *Subway*



Imagem 2 Produto da marca Kibon

Como consequência disso, os adjetivos intensificados pelo sufixo *-íssimo* puderam ser encontrados na amostra dos falantes *gays* e na amostra controle, possibilitando afirmarmos que o uso desse sufixo é menos marcado. Por outro lado, devemos nos ater ao fato de que adjetivos sufixados por “*-íssimo*” apareceram muito mais na fala de *gays* e que, embora tenham sido frequentes esses itens lexicais menos linguisticamente estigmatizados, existiram casos em que o sufixo apareceu em contextos bastante inesperados:

78. aí tem tipo milhões de pessoas **negríssimas** todo mundo **bronzeadíssimo** lá no sol. (G3)
79. a primeira festa eu super fiquei assim ai.. sabe quando cê fica **aceleradíssimo** já resolve tudo antes.(G10)

Diferentemente de “barato” e “cremoso”, como vimos nas propagandas acima, os adjetivos “negro”, “bronzado” e “acelerado” não são muito comumente utilizados com derivação de grau, pelo menos não em grande escala a ponto de aparecer frequentemente em comerciais, por exemplo. Logo, podemos perceber que o uso do sufixo *-íssimo(a)* nesses itens lexicais mais inesperados é mais marcado do que naqueles itens lexicais mais frequentemente superlativados. Ou seja, embora tenhamos encontrado o uso de *-íssimo(a)* na fala do grupo controle e não possamos afirmar, portanto, que eles são de uso exclusivo de homens *gays*, pudemos perceber que homens *gays* utilizam desse sufixo em contextos menos esperados.

O uso de adjetivos sufixados no diminutivo “-inho(a)” e do aumentativo “-ão/-ona” e dos superlativos irregulares, em especial “ótimo” e “péssimo”, por sua vez, apareceram muito mais na fala de todos os informantes do que os outros afixos superlativos. Acreditamos que isso tenha se dado devido ao fato de serem muito amplamente utilizados em variados contextos linguísticos, não sendo de longe exclusividade da fala de *gays* a ponto de podermos afirmar que são índices da fala de homens com essa característica.

Já o uso dos sufixos “-érrimo” e “-ésimo”, que constituem a formação do superlativo mais estigmatizada e mais associada ao falar de *gays*, apareceram unicamente na amostra da fala de homens *gays*.

A partir dessa análise, pudemos perceber um uso e avaliação escalar desses sufixos, distribuindo-os do “menos *gay*” ao “mais *gay*”, onde os afixos -inho, -ão/-ona e os superlativos regulares pertenceriam à extrema esquerda, menos *gay*, pois foram usados quase que igualmente pelos falantes da amostra da fala de *gays* e na fala do grupo controle. O sufixo -íssimo estaria no meio dessa escala, uma vez que seu uso pode ser verificado na fala de todos os informantes, porém aparecendo mais frequente e mais inesperadamente na fala de *gays*. E na extrema direita da escala, mais *gay*, estariam os afixos mais marcados, -érrimo e -ésimo, que apareceram somente na fala de homens *gays*.

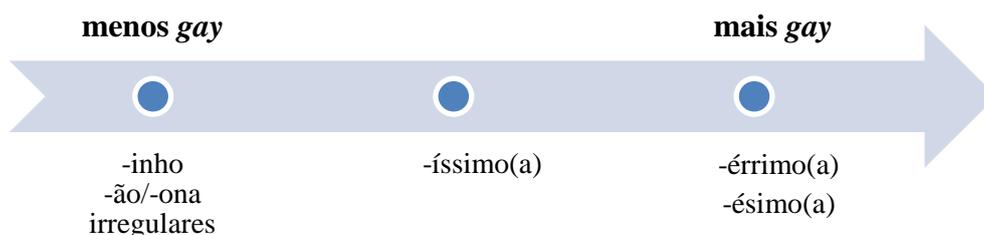


Imagem 3 - Escala do uso dos sufixos superlativos

Seria interessante, aqui, correlacionarmos os conceitos *labovianos* de indicador, marcador e estereótipo com os sufixos superlativos. Embora na proposta do autor essas categorias associam certas formas a determinados grupos para distingui-los de outros e não seja esse o caso aqui, emprestamos os conceitos do autor por acreditarmos ser uma fora interessante de analisar nossos dados.

Na extrema esquerda poderíamos dizer então que estão os afixos indicadores, pois, por serem mais frequentes na fala de todos os informantes analisados, não

carregaria em si muita força avaliativa. No meio, poderíamos dizer que temos o sufixo –íssimo seria marcador pois, embora ele apareça na fala de todos os informantes, ele está longe de ser usado da mesma maneira pelos *gays* e pelo grupo controle e, mesmo sendo menos marcado que as formas –érrimo e –ésimo, pudemos perceber que carrega certa avaliação estilística. Por fim, poderíamos afirmar que os sufixos –érrimo e ésimo configurariam um estereótipo, porque carregam em si forte avaliação pelos falantes na sociedade tendo, como consequência, o seu uso reduzido. Ou seja, podemos afirmar que somente –érrimo e –ésimo seriam de fato distintivos aqui.

Também poderíamos relacionar nossos resultados ao que Penélope (1979, apud Kulick, 2000) de vocabulário *gay* central, que engloba um vocabulário conhecido e utilizado por homens e mulheres não *gays* também, e de vocabulário periférico, que seriam palavras de uso exclusivo de *gays*. Embora o estudo da autora tenha se dado a partir de gírias, acreditamos que podemos aplicar também para o uso do superlativo. Logo, –íssimo(a), -inho(a), -ão/ona e irregulares não caracterizam um uso de pertença ao grupo, ou seja, são parte do vocabulário central. Enquanto que –érrimo(a) e –ésimo(a), por terem sido utilizados unicamente por informantes *gays*, fazem parte do vocabulário periférico.

Outro aspecto do qual essa escala dá conta é da força de intensificação de cada sufixo. Como visto logo acima nos exemplos da personagem Bicha Bichérrima e dos exemplos em –ésimo(a) proferidos pelo informante G19, os adjetivos sufixados em –érrimo(a) e –ésimo(a) carregam maior força de intensificação do que –íssimo(a) que, por sua vez, carrega maior intensificação que os sufixados em -inho(a), -ão/ona e os irregulares.

Por fim, acreditamos que essa escala também pode dar conta da marcação de cada sufixo superlativo. Givón (1995) afirma que a marcação depende de três critérios:

- a) **Complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou mais longa) do que a correspondente não marcada;
- b) **Frequência de distribuição:** a categoria marcada tende a ser menos frequente, dessa forma sendo cognitivamente mais saliente, do que a correspondente não marcada;
- c) **Complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, atenção demandada ou tempo de processamento- do que a não marcada. (GIVÓN, 1995, p.28, tradução nossa)⁵³

⁵³ (a) **Structural complexity:** The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.; (b) **Frequency distribution:** The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).; (c) **Cognitive complexity:** The marked category tends to be cognitively more complex — in terms of mental effort, attention demands or processing time — than the unmarked one. (GIVÓN, 1995, p.28)

Podemos verificar que todos esses critérios poderiam ser aplicados aos sufixos aqui analisados. As formas “bronzeadíssimo”, “caretésimo” e “cafonérrimo”, proferidas pelos informantes G2, G20 e G10, respectivamente, são mais longas e mais complexas do que formas concorrentes de intensificação como “muito bronzado”, “muito careta” e “muito cafona” e, logo, representariam formas mais marcadas.

No que diz respeito ao critério de frequência de distribuição, pudemos perceber na análise quantitativa dos dados na seção anterior, o uso dos sufixos –inho(a), –ão/ona e dos superlativos irregulares foi mais frequente na amostra da fala de *gays* e do grupo controle, ou seja, representariam formas não marcadas uma vez que sua frequência se dá de forma parecida em todos os grupos de falantes analisados. Já o sufixo –íssimo, embora tenha aparecido também na fala do grupo controle, teve seu uso mais frequente pelos informantes *gays* e seria, assim, mais ou menos marcado. Já os sufixos –érrimo e –ésimo não apareceram na amostra do grupo controle e teve frequência muito baixa na fala de homens *gays* e representariam, assim, as formas mais marcadas e mais associáveis a fala de *gays*. Givón (1995) afirma que as formas menos frequentes são mais salientes e, assim, mais facilmente percebidas, marcadas.

O “ser *gay*” ainda não é completamente bem visto perante a sociedade, sendo ainda um grupo muito estigmatizado. Almeida (2008), seguindo Muñoz (1996) lembra que socialmente é desejável que um homem não seja *gay*. É ainda muito comum escutar máximas como “Adoro *gay*, tenho muitos amigos que são, mas na família não”. O autor lembra também que ser *gay* é ainda uma espécie de tabu, pois mesmo sabendo que determinado indivíduo é *gay*, o melhor a fazer é evitar falar no assunto e, quando se fala no assunto, sempre há um tom de acusação na fala “Fulano é *gay*/bicha/veado”.

Essa hostilidade resultante da manutenção, e propagação, dos estereótipos *gays* como engraçados, promíscuos e superficiais, certamente influenciou na fala dos nossos entrevistados. Como exemplificado acima, os falantes *gays* afirmam saber aonde têm a liberdade de ser *gay*. A respeito disso, o informante G24 diz:

80. eu acho que a gente num sei se são todos os gays que são assim mas a gente separa muito tipo o lugar que eu posso falar do jeito que eu quiser que eu posso zoar que eu posso brincá e o lugar que eu tenho que segurar meu vocabulário. (G24).

O mesmo informante ainda afirma que no seu meio de trabalho, evita demonstrar a sua homossexualidade, temendo uma repressão de seus alunos:

81. eu dou aula a noite em cursos de informática as vezes eu eu acabo exercendo preconceito porque eu fico com medo de postar alguma coisa e meus alunos verem e de repente isso virá alguma coisa contra mim então as vezes eu fico meio que me protegendo é.. mas num sei talvez essa seja uma forma de preconceito minha né. (G24).

Fica evidente, através dessa fala, que a avaliação social e a frequente repressão aos *gays*, influencia em como o ser humano *gay* se coloca no mundo. Ele deve estar sempre vigilante, pois o fato de ele ser *gay* pode inclusive se virar contra ele.

Talvez seja justamente para evitar ser estigmatizado que o falante G14 afirma:

82. eu já percebi que a minha linguagem muda quando eu tô com os meninos meus amigos gays e meus amigos héteros eu tenho muito amigo hétero e no trabalho realmente tem termos que eu não uso na noite todo mundo é hétero não tem um gay. (G14)

As falas dos informantes logo acima colocadas chamam atenção para uma análise com base em estilo, especialmente em face da Teoria do Design de audiência de Bell (1984). Os informantes se mostram bastantes conscientes com relação ao seu ser e ao seu falar e afirmam moldar o seu comportamento e, conseqüentemente, sua fala dependendo da audiência a que se dirige. Ou seja, os informantes falam claramente a respeito da construção de sua identidade linguística e como ela pode variar de contextos a contextos. É justamente isso que a teoria de Bell (1984) nos permite observar. Os informantes G24 e G14, por exemplo, afirmam buscar um afastamento do seu estilo *gay* quando em contextos de trabalho ou em meio a homens heterossexuais, porém lançam mão desse estilo quando estão com seus amigos também *gays*. O uso de adjetivos superlativados em –íssimo, –érrimo e –ésimo, poderíamos dizer, faz parte desse estilo *gay* de fala.

Gonçalves (2011) afirma que o uso dos afixos está relacionado com: a) nível de envolvimento entre o falante e o ouvinte; b) pelos propósitos comunicativos do emissor frente à audiência; c) pelo grau de formalidade do discurso. A partir das discussões apresentadas acima, acreditamos que esses três pontos acabaram por influenciar no uso de adjetivos intensificados pelos sufixos.

Primeiramente, pois não tínhamos contato aprofundado com nenhum dos informantes, tendo como maior grau de contato ser conhecido de um amigo. Isso pode ser inclusive verificado na fala dos informantes, que afirmavam ter uma fala mais “livre” e sem monitoramento entre amigos.

O segundo fato pode ter influenciado na performance linguística dos informantes, pois eles sabiam que a gravação seria analisada posteriormente e incorporada a um texto acadêmico. Ora, se eles se sentem frequentemente ameaçados pela forte avaliação negativa que sofrem da sociedade, parece natural que eles busquem distância das formas estigmatizadas.

Por fim, a situação de entrevista, a consciência dos informantes de que se tratava de uma pesquisa de mestrado, que estava sendo gravado, enfim, pode tê-los motivado a utilizar outros estilos *gays* além dos já tão fácil e automaticamente atrelados à persona do *gay* afeminado e brincalhão como o uso do superlativo absoluto sintético, por exemplo.

4. CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho discutimos a respeito do estereótipo de homem *gay*, lançando uma luz em como essa estereotipia pode afetar a performance social e linguística dos falantes que compartilham, ou não, a característica de serem *gays*.

Fizemos também uma revisão detalhada e objetiva do grau em língua portuguesa, especialmente do grau superlativo, uma vez que, de acordo com Gonçalves (2003; 2011) a intensificação implica valores subjetivos que envolvem necessariamente avaliação por parte do falante e está muito fortemente atrelada a fala de *gays*.

Mostramos que, como se esperava, não são todos os adjetivos utilizados por *gays* que aparecem nessa derivação, mas que, quando comparamos os usos feitos por *gays* com aqueles feitos pelo grupo controle, verificamos que os primeiros se dão de forma muito mais marcada.

Por um lado, poderíamos dizer que os resultados obtidos por essa análise, mesmo contando com uma quantidade de dados bastante robusta, não nos permite afirmar que o uso do superlativo absoluto sintético tenha se mostrado uma característica da fala de homens *gays* na dimensão que sugerem os estereótipos ou as afirmações feitas em Gonçalves (2003), por exemplo. Por outro lado, as discussões apresentadas a partir de nossos próprios resultados apontam para o fato de esses usos serem característicos à fala de homens *gays* em comparação com o grupo controle. Acreditamos que a baixa frequência desses sufixos seja devida às próprias condições da pesquisa mencionadas na análise. Não podemos deixar de levar em conta também que o fato de uso do superlativo na fala *gay* representar um estereótipo certamente teve impacto na sua produção de superlativos por parte dos informantes *gays*, uma vez que a comunidade LGBT ainda sofre uma forte repressão pela sociedade.

Pudemos também verificar em nosso trabalho que os informantes *gays* gravados demonstraram possuir consciência de sua performance linguística e que adequam a sua fala de acordo com o contexto e suas necessidades no momento de interação.

Este trabalho difere dos outros que buscaram tratar do falar de *gays* justamente por buscar a fala de homens *gays* com o objetivo de analisá-la sociolinguisticamente e não desenvolver uma análise a respeito da fala de *gays* se pautando no julgamento de pessoas não pertencentes a essa categorização. Difere-se também, por nossa análise não ter sido pautada unicamente na fala de *gays*, mas sim no embate da fala de *gays* com a

fala de um grupo controle o que nos possibilitou uma visão mais crítica a respeito dos usos dos superlativos, de sua frequência e significação social.

Todavia, este trabalho certamente não esgota as possibilidades de análise e discussões sociolinguísticas acerca da fala *gay* e inclusive apontamos para a necessidade de análise da fala de *gay* por outras perspectivas e a partir de diferentes técnicas de coleta de dados. Refletindo sobre nosso trabalho de campo, acreditamos que seria interessante a gravação de dois ou mais informantes juntos para que a situação da entrevista não fique tão formal e seja mais descontraída. Também sugeriríamos dividir a gravação em dois ou mais encontros, para que seja criado um vínculo maior com o informante, fato este que o deixaria mais a vontade para falar sobre sua vida. Deixaríamos, assim, os dois tipos textuais que se mostraram, em nossa análise quantitativa, mais produtivos para a produção de adjetivos superlativados por último, no momento em que o informante já se sentiria mais confortável com a presença do gravador e do pesquisador.

Esperamos, porém, que esta pesquisa possa abrir portas para análises futuras que compartilhem esse objetivo, primeiramente porque ainda existem poucos estudos que se debruçam sobre a fala de *gays* e há certamente muito mais a se estudar sobre ela. É certo que quanto mais o assunto for pesquisado na academia, mais claros ficam os modos de identidade grupal desses falantes, o que pode contribuir, ainda que timidamente, para a desconstrução do preconceito e o fortalecimento das mobilizações em favor da valorização das identidades LGBT.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. **Gosto se discute?** – análise de perfis de um site de relacionamento gay. Monografia (Bacharelado em Português) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é e como se faz. 49ª edição. São Paulo: Loyola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- BELL, Allan. **Language style as Audience Design**. *Language in Society*, v. 13, p. 145-204, 1984.
- BUCHOLTZ, Mary. **From 'sex differences' to gender variation in sociolinguistics**. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics: Vol. 8: Iss. 3, Article 4, 2002. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/pwpl/vol8/iss3/4> último acesso em 01/09/15.
- BYBEE, Joan. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1985.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 39 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CAMERON, D; KULICK, D. **Language and Sexuality**. Cambridge University Press, 2003.
- CAMPBELL-KIBLER *et al.* **Sharing resources and indexing meanings in the production of gay styles**. In: **Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2001: 175-189.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHESHIRE, J. **Sex and gender in variationist research**. In **Handbook of Language Variation and Change**. 2003, Oxford: Blackwell, pp. 423-43.
- COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUTLER, A; LADD, D.R. **Prosody: models and measurements**. Berlin: Springer-Verlag, 1983.

ECKERT, Penelope. **Three waves of Variation Study**: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annu. Rev. Anthropol.* 2012. 41:87–100. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf> último acesso em 13/04/2016.

ECKERT, Penelope; RICHFORD, J.R (eds). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge University Press, 2001.

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. (1992). **Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice**. *Annual Review of Anthropology* (21): 461-490, 1992.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **O “social” da sociolinguística**: o controle de fatores sociais. *Revista Diadorim*, p. 43-58, v.8, 2011. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/187> último acesso em 12/12/2015.

FREITAG, R. M.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. **Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda**: potencialidades e limitações. *Alfa*, São Paulo, v.56, n.3 p.907-934, 2012.

GILES, H.; POWESLAND, P.F. **Accommodation theory**. In: **A sociolinguistics reader**. Macmillan: Basingstoke, England, 1997. p.232-239.

GILES, H. **Accent Mobility**: A Model and Some Data. *Anthropological Linguistics*, 15, 1973, p. 87-105.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, C. A. **Morfopragmática da intensificação sufixal em português**. *Rev. de Letras - N0. 24 - Vol. 1/2 - jan/dez.* 2002.

GONÇALVES, C. A. **A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil**. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 47-59, 2003.

GONÇALVES, C. A. A. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite Gonçalves. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

GONÇALVES, S.L.G., TENANI, L.E. **Projeto ALiRP: constituição de um banco de dados para estudo do português falado na região de São José do Rio Preto**. Revista Mosaico, São José do Rio Preto, v.3, n.2, 2004, p. 13- 40.

GONÇALVES, S.L.G., TENANI, L.E. **Aspectos metodológicos na constituição de corpora de fala espontânea**. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v.34, 2005, p. 462-487.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUY, G; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HEWSTONE, G.; GILES, H. **Social groups and social stereotypes**. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Org.). **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin's Press, 1997. p. 271-283.

KULICK, D. **Gay and Lesbian Language**. Annual Review of Anthropology 29, p. 243-285, 2000.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **The desing of a sociolinguistic research project**. Mysore, India: Central Institute of Indiam Languages. Maio – Junho, 1972.

LEITE, Cândida Mara Brito. **Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos**. Vitória da Conquista: Estudos da Língua(gem), v.9,n.1, p. 91-104. Junho de 2011. Disponível em:

<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/199>
último acesso em 13/04/2016.

LIBI, Fred. VIP, Ângelo. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora da Bispa, 2006

MATTHEWS, Peter H. **The Concise Oxford Dictionary of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MENDES, R. B. **Gênero/sexo, Variação Linguística e Intolerância**. In: Diana Luz Pessoa de Barros. (Org.). **Preconceito e Intolerância: Reflexões Linguístico Discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. **O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro**. *ALFA* 56(2), p. 973-1001. 2012a

MENDES, R. B. **Diminutivos como marcadores de sexo/gênero**. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 8, número 1, junho de 2012b. ISSN 1808-835X 1.[<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

MILROY, L. **Language and Social Networks**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MILROY, L. **Social networks**. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p.573-600

MOLLICA, M.C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MORAIS, C. B. de. **O comparativo e o superlativo em português**. *ALFA*. Marília: Fonseca, 1965.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Ânus rebeldes – gêneros normativos**. In: VII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2011, Salvador, Bahia. Disponível: <http://politicadocus.com/index.php/downloads/category/1-artigos?download=30:anus-rebeldes-genero-normativos&start=20> Acesso em 16/08/2014

OCHS, E. **Indexing gender**. In: Duranti, A.; Goodwin, C. **Rethinking Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RODRIGUES, A. T. C. **Eu fui e fiz esta tese: as construções do tipo foi fez no português do Brasil**. Tese de doutorado defendida no IEL/UNICAM: Campinas, 2006.

SANTOS, V. M. dos. **A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeitos**. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 p. 44

SCHERRE, Maria Marta Pereira (2005). **Doa-se lindos filhotes de poodle - Variação lingüística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHILLING-ESTES, Natalie. **Investigating Stylistic Variation**. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds) **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2003.

SCOTT, J. **Gender: a useful category of historical analyses**. In: **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, J. F. B. da. **Aspectos Sociológicos do homossexualismo em São Paulo**. Sociologia, v. 21, n.4, p. 350-60, out. 1959.

SMYTH, Ron; ROGERS, Henry. **Do gay-sounding men sound like women?** Working papers in Linguistics. Toronto, v. 27, 2008.

SOUZA, Alexandre Melo de. **Retomando a discussão: grau-flexão X grau-derivação**. 2011. Disponível em <http://www.filologia.org.br/soletras/16/retomando%20a%20discuss%C3%A3o%20grau%20flex%C3%A3o%20grau%20deriva%C3%A7%C3%A3o.pdf> . Acesso em: 01/02/2015.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**, Cambridge University Press, Nova Iorque, 2006.

TAJFEL, Henri; TURNER, John. **An integrative theory of intergroup conflict**. In: AUSTIN, W.G.; WORCHEL, S. (eds.). **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey, CA: Brooks-Cole, 1979.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TRUDGILL, P. **The social stratification of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

WODAK, R.; BENKE, G. **Gender as a sociolinguistic variable: New perspectives on variation studies**. In COULMAN, F. (org.), **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997.